As Cinquenta Primeiras Criaturas

EDITORA MULTIFOCO
Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

CAPA
Luiza Romar

DIAGRAMAÇÃO
Fernanda Hubacher

As Cinquenta Primeiras Criaturas - 1ª Edição
Janeiro de 2010
XERXES, Jorge

ISBN: 978-85-7961-109-4

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro
com fins comerciais sem prévia autorização
do autor e da Editora Multifoco.

Jorge Xerxes

As Cinquenta Primeiras Criaturas

redondezas
contos
Rio de Janeiro, 2010

para Gabriel e Davi

Prefácio de SR[1]

A modernidade foi a fase das grandes narrativas e das grandes sínteses, um pensamento universalizante e consensual, numa linearidade restritiva que impôs uma fragmentação. O modelo cartesiano varreu o singular e a diferença. Foi o paradigma da disjunção. Tudo foi condenado à separação: corpo, alma e emoções, sujeito e objeto, ser humano e natureza, interioridade e exterioridade, o 'eu' e o 'outro' e assim sucessivamente. Expulsos o subjetivo, a emoção e o desejo como entraves ao conhecimento, o ser humano perdeu-se de si mesmo e foi condenado a uma solidão terrível.

Se nos anos 60 do século XX nasceu um movimento de luta pela emancipação, pela diferença e singularidade – e as revoluções de 1968 o exprimiram –, nos anos 70 surgiu o neoliberalismo erguido sobre a fragmentação, hiperindividualismo e homogeneização. A junção destes três dispositivos de poder teve conseqüências trágicas para a construção de subjetividades e das sociedades. Sobreveio uma crise com raízes profundas no aniquilamento dos sujeitos destroçados por um padrão científico que os fragmentava até as últimas conseqüências existenciais. Esta criou uma máscara social para que não se soçobrasse no devir do mundo e se pudesse buscar a imagem do 'eu' em fuga e a cura da doença cognitiva da modernidade, provocada pela negação do olhar e da imaginação.

Deu-se, então, a tentativa de resgate das dimensões subjetivas mais profundas dos seres humanos – atingidas com a perda de sentido através do crescimento de um individualismo doentio e um pensamento único –, o que foi expresso nas artes. Tentou-se explicar como se chegou a ser-se o que se era, buscou-se a imagem – que escapulia – do que se era. Na literatura, o resgate de um 'eu' fragmentado, esfacelado.

Walter Benjamin propôs repensar o passado, ressignificar o presente e apontar para o futuro. Disse no livro *Tesis de Filosofia de la Historia*, acerca do quadro de Paul Klee intitulado Angelus Novus:

Sua cara está voltada para o passado. No que para nós aparece como uma corrente de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe, que acumula sem cessar ruína sobre ruína e a lança a seus pés. O anjo quisera deter-se, acordar aos mortos e recompor o despedaçado.

Mas uma tormenta descende do paraíso e se arremoinha nas suas asas e tão forte que o anjo não pode recolhê-las. Essa tempestade o empurra irresistivelmente para o futuro, ao qual volta suas costas, enquanto o cúmulo de ruínas sobe ante ele até o céu. Tal tempestade é o que chamamos progresso.

A alegoria de um anjo impotente diante da calamidade humana traduz essa visão do homem moderno que, sem alma e entre detritos, vive uma experiência histórica de fragmentação e ruína. Mas a tormenta também desvela a capacidade criadora e aponta para a possibilidade de se instaurar novas realidades.

"A arte não reproduz o visível, ela faz visível", lembra Paul Klee. A escrita torna os silêncios visíveis, palavras são geradas por outras palavras, produzem e quebram sentidos. Uma escritura aponta para diferentes realidades e ocasiona efeitos simbólicos outros, que a repetição do mesmo.

O pós-modernismo rejeita e busca desconstruir qualquer noção de verdade que se proponha unitária, absoluta, universal – ou mesmo coerente. Em uma verdade plural não há uma única e verdadeira interpretação de um fato, de um texto ou discurso, mas muitas interpretações igualmente válidas.

O que é narrado e já acontecido não é verdade absoluta e pode-se fazer com que o passado diga outras coisas. Não há repetição: há um retorno em diferença, podemos dizer numa referência à tese do Eterno Retorno – o sentido da vida. No rumo

criativo que toma atualmente a literatura o retorno nunca traz o mesmo, senão acrescido de significados. Não há a linearidade futuro-passado, há o movimento desse mesmo que sempre retorna próximo ao ponto de origem e dele se afasta – diferente.

Em *As Cinqüenta Primeiras Criaturas*, o que poderia ser entendido inicialmente como criação de significados – os personagens ultrapassarem os limites de um único conto – vai além, acrescenta e redimensiona. Os mesmos personagens aparecerem em diversos contos e os poemas estarem inseridos entre eles tangencia a fronteira tênue entre realidade e ficção, substituindo a expectativa de autenticidade e verdade pela interrogação acerca da possibilidade e impossibilidade.

O amor e a felicidade pontuam a dor e a subjetividade é redefinida. Sonhos e desejos, turbulências, criaturas, o sagrado e o profano são menções iniciais que parecem nos dar um perfil que, ao longo das narrativas, vai sendo alterado face às ações. A essência nos escapa. Parece inacessível.

É a partir dessa noção de movimento que melhor podemos viajar pela escritura desse livro, sem ancoragem predeterminada ou idéias prévias. O proveito da leitura independe de referências que nos dêem um sentido totalizador ou homogêneo. As direções são variadas, não se pode fazer uma articulação linear.

Os cinqüenta textos vêm discriminados numa *Lista de Dejetos*. Já aí o autor nos fisga, convocando-nos como leitores pouco ou nada passivos. Aceitamos ser os identificadores finais dos elementos constituintes de um livro que leremos dispostos a supor que a extra-textualidade da narração nos auxiliará a lê-lo. Inferimos que o autor lançará mão de frases e elegâncias da língua para indicar o que, em suma, elas não significam; para nos fazer pressupor idéias nem tão ocultas.

Dejeto é lançar fora; resíduo; excremento. Oriundo do latim dejectus, significa ruína, grande estrago. Estão neste livro diferentes aspectos da ruína humana, lançados pelo autor

através de contos, poemas e crônicas: histórias surpreendentes que evitam explicações e narram, com arte.

É sem submeter-se a significados manifestos que o autor mantém o pacto que a princípio estabeleceu conosco, de interagir através de narrativas literariamente intencionadas. Contudo, o livro não assume o encargo de suscitar questões metafísicas ou existenciais.

Em *As Cinqüenta Primeiras Criaturas,* Jorge Xerxes apresenta mundos possíveis e personagens que se deslocam pelos cenários em seqüências de fatos. Estranhos por vezes, incomuns – mas verossímeis. São narrados sem tarefas simbólicas: é a linguagem exercendo a ação através da escrita, e falando.

Natural de *São João da Boa Vista*, diz: "cresci ao pé da serra da Mantiqueira; por entre trilhas e cachoeiras; sempre em rota de colisão àquele verde inconcebível". Talvez seja a São João da Boa Vista que se refere o poema São João da Boa Vida. Mas não é a conclusões esperadas que nos levam os seus textos inusitados, bem escritos, claros e sem exagero retórico: o autor explora bem sua sensibilidade e sugere, com domínio da língua e criatividade.

Efêmero é o presente e o hoje dos personagens diz da fugacidade de sua própria errância frente à realidade. São seres cujo sensorial é parte da percepção do mundo e o estranhamento deixa-os, por vezes, perdidos no simbólico. Assim vivem o mistério da condição humana. Reintroduzidos na imaginação e na linguagem, alternam de espaço e tempo em seus estados de vigília e de sonho.

Zero é o texto inicial do livro, no qual o autor constrói uma figura de si mesmo e relata episódios revestidos de uma intensidade narrativa menos pessoal e mais literária, como acontece no procedimento de autoficcionalização – em voga na narrativa contemporânea –, quando a deliberação ficcional rompe o confessional fazendo com que a narrativa auto-referencial se distinga de uma autobiografia.

Jorge Xerxes mantém-se recatado ao exprimir objetos distintos e, sobre seus escritos, propicia que incidam nossas reflexões. Todavia, o "eu" narrador lhe é somente circunstancialmente análogo. Embora o escritor se constitua como sujeito, não necessariamente o autor que enuncia e desenvolve aspectos da vida, do tempo e do mundo o faz através da escritura desse "eu": sabemos que pode lançar mão da ficção para fazê-lo.

O fantástico é vivido pelos personagens como realidade, e vice-versa: o comum traz experiências fantásticas do cotidiano. O tempo é cíclico, o presente e o passado se interpenetram. Com frases curtas e impactantes, o autor mantém o controle das narrativas e a leitura dos cinqüenta textos flui por uma prosa consistente e bem elaborada. Procedamos a ela.

[1] *sr: Carioca, a escritora Sonia Regina é psicanalista, professora, diretora e editora da revista digital de poesia Laboratório da Palavra. Publicou Uitzilim, edição bilíngüe de poemas – Rio de Janeiro: Letra&Cia, 2003, e publica desde 2004 na obra coletiva anual* **Antologia Escritas**, *Lisboa: Edição Encontros de Escrita. Prefaciou as antologias luso-brasileiras 10 Rostos da Poesia Lusófona, São Paulo: All Print Editora, 2008 e Antologia Poética, Porto: Amante das Leituras Edições, 2009.*

Lista dos Dejetos

Zero	15
O ano de 2020	17
Um sonho	19
Instantânea	21
Do Tony Villela	23
Além daqui	25
Circumambulation	27
A felicidade é efêmera e o burro analfabeto	29
Sobre a beleza dos naufrágios	31
Eutanásia	33
Ritual da purificação	37
O sol que invade o teu quarto	39
O cegueta	41
O chamado	43
Carta enigmática	47
Homem de Java	49
Inseto maldito	51
Apelo	53
Manhã de dois olhos	55
Cacto	57
A lei e os seus advogados	59
Café preto	61
Devoro-te aos pedaços	63
Panorama macro-econômico	65
A diferença entre um e o outro	67
Cadeia alimentar	71
Confissão ao genuflexório	73
Antonio, o mudo	77
Vocábulos para as caminhadas do que	79
Cabeça de elefante	83

A espera do transporte 85
Quanto à matéria dos sonhos 91
Armadilhas para panteras 89
O processo da idéia em 75 dias 93
Mergulha um dia desses 95
Carta ao pulcro poeta 97
Em defesa à alquimia literária 99
Um adeus com-puta-dor 101
Prisioneiro 103
Cobrir a cova 119
Gato através do vidro 121
Gigante 123
Ser errante 127
Frango com quiabo 129
Uma noite na vida de Hamilton 133
Mandinga de amor 135
Exegese 137
O fator "L" 139
Sob as gárgulas de Monte Cristo 147
São João da Boa Vida 149



Zero

"Você já terminou aquele livro?" Pergunta a figura que conheço apenas de vista quando nos cruzamos pelo corredor. Aquela pergunta me parece fora do contexto de minhas preocupações ao longo da tarde de trabalho. Como num sonho. "Penso no livro que carrego para cima e para baixo, e leio durante as viagens no ônibus, que faz o leva e trás nos dias da semana." "Não, ainda não. Vou demorar a acabar aquele". O sujeito me parece surpreso com a resposta. Eu desejo sondar com mais detalhe o assunto ao qual ele se refere. Num sonho, o desejo norteia a ação que se manifesta, certo? "Você está falando sobre o livro que eu estou lendo, não é? Aquele que eu carrego comigo". "Não, puxa, eu estou perguntando sobre aquele livro que você está escrevendo". Mas como não estou escrevendo nenhum livro, deve ter sido minha a vez de ter aparentado estranheza. "Aquele que você passou para o pessoal. Mostraram para mim os teus rascunhos". Então eu me lembro de um conto de algumas poucas páginas. Sabidamente não sou eu o autor, mas na lógica do sonho, pode-se dizer que sim. E então tudo volta fazer sentido (pelo menos para mim). "Não, aquilo que você leu é tudo. Foi só um conto, não é um livro que estou escrevendo". Mas a frustração é patente no rosto de meu interlocutor. "Eles me disseram que você está escrevendo o livro". Desconverso. "E você, gostou do que leu?" Ao que ele responde: "Sim, gostei. Você publicou? Devia publicar!" E complementa: "Manda pra mim. Só dei uma passada rápida de olhos". Digo que sim, tomo o meu rumo, e volto a pensar nalguma questão da rotina. Eu não sei como o sujeito se chama, onde mora, o endereço para o qual mandar, nem o que. E isto não faz a menor diferença. Desperto.

O ano de 2020

Foi no ano de 1949 que o escritor indiano de ascendência inglesa Eric Arthur Blair publicou sua notável novela futurista "Nineteen Eighty-Four". Dizem que, apesar da publicação no ano de 1949, o título original é um trocadilho com relação ao ano de 1948, no qual a obra foi originalmente escrita. Se o pensamento é a semente do futuro, então a escrita é terra. O meio através do qual o pensamento se desenvolve. E nesta analogia o resultado pode ser, a princípio, qualquer uma das espécies botânicas. Completamos neste ano o dobro do tempo de Blair com relação às suas previsões futuristas e onde é que chegamos?

Não podemos dizer que ele estava de todo errado, mas parece que se esqueceu de levar em conta a capacidade de adaptação ao meio. Ao longo destes últimos setenta e dois anos o ser humano usou e abusou de sua criatividade (o pensamento é a semente do futuro) como forma de contornar, ou atenuar, a sina da proposição original. Pois, como reza a conjectura de Blair, o despotismo e o controle exacerbados remetem à falácia da civilização. Mas não pudemos suplantar as escrituras (a semente plantada e nutrida desenvolve-se em vegetal) e o grande irmão está entre nós.

Muita vez o que parece prolongar a ordem de coisas – ao contrário de um certo trecho árduo da jornada – está mais para o veneno que promove morte lenta, pelo sufocar dos pulmões numa atmosfera por demais putrefata. E neste caso seria mais efetivo o caminho reto – sem as sinuosidades e os meandros traçados pela raça humana – rumo ao colapso inevitável. Ao menos, nos pouparia de muitos dos detalhes, os quais agora sou obrigado a narrar.

A evolução da humanidade nestas duas primeiras décadas do terceiro milênio reduziu o abismo entre as classes sociais;

posto que não existem mais os nichos sujeitos a condição de subsistência. Mas vivenciamos o nivelamento por baixo. A padronização cultural vigente deu-se graças ao desenvolvimento das poderosas ferramentas de comunicação em massa – a informação em tempo real comungada entre os cidadãos. Todos são informados, minuto a minuto, sobre as ameaças à economia mundial. Dos acidentes causados, e sobre as penas impostas àqueles que ainda insistem no uso das drogas ilícitas, como o álcool e o tabaco. A padronização generalizada do comportamento. As últimas inovações dos itens de consumo. O objetivo dinâmico para uma vida fútil que oculta a degradação das relações sociais e o desvanecer da essência. Os aparatos de rastreamento e visualização que permitem a localização instantânea de qualquer objeto (ou pessoa) no qual tenha sido instalado um minúsculo chip. Em contrapartida, as moléstias psicológicas alastram-se de forma epidêmica, atingindo a grande maioria da população. Os trabalhadores e suas atividades repetitivas em jornadas inconcebíveis para suprirem as demandas geradas pela sua própria cultura – ou total falta dela.

O crepúsculo do livre arbítrio é a rendição do ser humano a uma burlesca estrutura econômica e tecnocrata que foge ao seu controle.

Um sonho

Estamos almoçando numa sala ampla em estilo colonial. Estamos eu, os meus filhos, uma amiga estimada e os seus pais. As crianças se divertem e também nós, os adultos, que estamos à mesa. A comida é saborosa e a conversa animada. O ambiente típico de um restaurante. Quando já estamos de saída, minha amiga identifica três sujeitos conhecidos numa mesa vizinha. Vai até lá e os cumprimenta. Um deles é um sujeito alto, grisalho e corpulento. Começamos a conversar numa língua estrangeira. Eu faço as vezes de interlocutor entre os três e os pais de minha amiga. Porque eles não entendem ambas as línguas – exceto o grisalho, minha amiga e eu. Nos despedimos e seguimos adiante.

Estamos eu e o marido de minha amiga entrando num escritório adaptado a partir de uma academia de ginástica. Percebo que algumas pessoas deixam de trabalhar para se ocupar das atividades físicas. Eu gesticulo para mostrar isto ao marido de minha amiga e acabo atingindo, com meu cotovelo, a boca dele. Ele leva a mão direita à boca e os seus olhos parecem lacrimejar de dor. Fico observando atônito. Ele tira a mão direita da boca e cospe nela boa parte dos seus dentes da frente. Eu peço desculpas. Ele explica que estes são apenas seus dentes de leite; e que os permanentes ainda não nasceram. Realmente aparenta não se importar com isso.

Percebo dois carros que se aproximam em velocidade e param bruscamente em frente à entrada da academia. Deles descem os três que estavam sentados à mesa ao lado no restaurante. O sujeito alto, grisalho e corpulento se adianta. Ele diz que precisam de minha ajuda.

Instantânea

Estava fitando o céu sob o ponto de vista de um fim de tarde. O sol. O movimento da estrela que parece acelerar a medida em que se aproxima da linha do horizonte. Como o objetivo final. Meta a ser superada antes do merecido descanso. Sua expressão sugeria a tranqüilidade de quem havia desistido há muito dos sonhos. Era o semblante complacente a um turbilhão de acontecimentos que descortinavam frente aos seus olhos. Jogava com sua vida para lá e para cá; sem dar espaço às suas escolhas mais sinceras. Sempre que chegava a uma decisão, sobre determinado assunto que a consumia; e estava, finalmente, prestes a tomar as rédeas de sua vida; o turbilhão chegava antes. Para demonstrar de forma categórica a sua insignificância. Mas este breve instante, entre o pôr do sol e a observação da primeira esfera celeste, era o seu momento sagrado. Sua compreensão expandia-se numa multiplicidade de significados. Em especial num dia como hoje.

Do Tony Villela

Eu é que imaginava ter cruzado muito o mar de braçada.
Entre tormentas, ondas gigantes.
Ter bebido muito da água salgada.
Até a cabeça doer pulsante.
E, nos músculos, a dor constante das câimbras.
Para o resgate de todas as penas.
Retornar à condição original da pureza.
Onde a aflição é intangível.
Expande-se minha consciência no vôo sublime da gaivota.
Rumo ao sol.
Mas há ainda a preocupação contigo.
Fica tranqüila e serena, criatura.
Surfo à superfície das idéias,
tatuando no teu coração os mais belos desejos – delicadas filigranas.
Porque os teus sonhos também são os meus.
Viva com intensidade a dinâmica da Terra – cada revolução.
Nos encontramos num destes giros das pedras celestes.
No reflexo do sol que vem da lua.
No reflexo da lua que vem do mar.

Além daqui

Há ainda o equilíbrio.
Mesmo que no movimento das crianças nos balanços.
Estrelas, planetas, buracos negros ou as anãs brancas.
Há ainda, neste arranjo, a harmonia na disposição do céu.
Nas marés, nas estações e na nutação da Terra.
Através da exaustão dos erros é que se molda a realidade.
E também nas partículas elementares da matéria.
Neste nosso nível dos entes é que, por vezes, passa desapercebido.
Aguça então os sentidos.
O toque suave do vento em tua pele.
A brincadeira na cabaninha da menina.
Deixa os raios de Sol penetrarem na tua alma.
Vê a flor branca da orquídea, de tempos em tempos.
Percebe com toda a tua força.
O além daqui, aqui mesmo.

Circumambulation

A dança em torno dos objetos sagrados. Esta é uma bela metáfora para a representação da vida. No centro está tudo aquilo que necessitamos, valorizamos e almejamos. Enfim, são os objetos deste nosso universo, em toda a sua diversidade.

Num plano mais imediato estão os alimentos, a moradia e a saúde. Para a satisfação das necessidades básicas da criatura. O trabalho, a luta pela sobrevivência. Numa esfera intermediária os nossos pequenos prazeres. Uma refeição requintada. A boa música. A beleza da criação que se infunde nas paisagens naturais, nas artes plásticas e nas curvas do corpo de uma mulher. Daí até os modelos da coleção de verão; o último lançamento da indústria automobilística, motores mais potentes, freios abs e transmissão automática; celular novo; vídeo-jogo de última geração; televisores cada vez maiores, com menor profundidade, e melhor definição; peitos e bundas de silicone; as peles esticadas de botox. Porque aquilo que realmente importa para o consumista é objeto do seu desejo.

Cada um escolhe aquilo que é sagrado para si mesmo. É grande o direito que temos. Exercício puro da liberdade. Lembre-se que estamos tratando da dança em torno dos objetos sagrados. Para outra criatura haverá objetos mais sutis. Ou subjetivos. O perfume da mulher amada. Os cheiros, os gozos. Sussurros. A compreensão sobre determinado assunto. Um livro. A impressão causada por um filme ou determinada peça de teatro. As sensações emanadas da leitura de uma poesia. Um toque suave. O olhar penetrante ou coisa que o valha. Uma palavra de estímulo no momento certo. Ou a reprovação arbitrária e infundada. Porque é sagrado tudo aquilo que nos toca – para o bem ou para o mal.

Também os entes, com os quais determinada criatura se relaciona, são objetos sagrados para ela. As vibrações positivas que emanam dos apaixonados. A sintonia entre os membros de uma mesma família. Os amigos. E noutro extremo os nossos inimigos – por que havemos de tê-los à altura; para uma luta digna, franca e que valha a pena. Aqueles que nos querem mal. Ou ainda pior.

O somatório disso tudo, no plano alquímico das idéias, compõe o núcleo dos objetos sagrados para a dança de determinada criatura. Giramos em torno destes. O equilíbrio por vezes instável. Resultante de forças antagônicas. Das paixões. Os desejos que nos atraem. Os medos e as ameaças que nos repelem.

E uma vez que no centro há a diversidade do universo, é através deste que se dá a conexão entre as criaturas. A idéia de auto-referência. Modelo metafísico da vida e da organização entre as criaturas nos diferentes planos – para a unidade cósmica. No fim das contas, o mesmo padrão observável nos objetos inanimados da astronomia e da física quântica.

A dança em torno dos objetos sagrados é o exercício da purificação do espírito. Para a libertação do poder e da energia suprema que habita a própria criatura. O universo começa e termina em cada um de nós.

A felicidade é efêmera e o burro analfabeto

O carro: Fim de tarde do dia quatro de outubro do ano de dois mil e oito. Luiz segue guiando o seu Uno Mille ELX verde oliva ao longo da SP-225 pelo trajeto que leva de Pirassununga à Aguaí. Este trecho, denominado Rodovia Deputado Cyro Albuquerque, estende-se por pouco mais de 40 quilômetros numa pista única, esburacada e de mão dupla. Mas, em compensação ao péssimo estado de conservação, a estrada não tem pedágios e a natureza lhe foi bastante generosa. Os sítios e as fazendas compõem a paisagem. As árvores seguem paralelas às laterais de boa parte da via. E o relevo vem sendo moldado suavemente há dezenas de milhares de anos. A temperatura é agradável, depois do dia de nebulosidade variável. Luiz chegou a pegar chuva pela manhã. Na estrada. Mas agora o sol é vermelho-alaranjado. Ameno. Algumas nuvens prateadas no céu. Luiz dirige com os vidros todos abertos. Permite ao vento sua dinâmica turbulenta. O aparelho toca, em alto e bom som, um antigo cd gravado com músicas do Creedence, Janis Joplin e Jimi Hendrix. À altura da academia da força aérea Luiz observa um planador branco, alto no céu. O piloto picando; depois cabrando a aeronave. Mais alguns minutos adiante, à direita, o grande lago com sua superfície plana – imenso espelho d'agua. Três garças sobrevoando baixo. O movimento lento das asas longas. As pernas esbeltas retesadas para trás. Pelos retrovisores do carro – qualquer um dos três – Luiz pode vislumbrar o sol; pouco antes do crepúsculo. Ele sente os seus sentidos se expandirem. O cheiro dela parece envolver o ambiente. Na cabeça dele as recordações da tarde de amor. Emoções indescritíveis depois de anos de espera. O coração pulsando vigoroso. Luiz lembra com carinho do abraço apertado de despedida – ao deixar a casa dela.

A brisa suave abençoava aquela união. Pense num dia perfeito. Multiplique por mil.

O cão: Ele vem descendo pelo acostamento da esquerda; no sentido oposto ao Uno de Luiz. O rabo abanando sabe-se lá por que. A língua de fora.

O caminhão: Valdecyr pilota o seu Mercedes-Benz 1938-S de seis eixos. Toda a capacidade de carga. Valdecyr faz planos de dormir esta noite num posto em Bauru. Lá ele tem uns camaradas. Mas agora, fim de tarde, ele segue pela Rodovia Deputado Cyro Albuquerque. Sentido Aguaí-Pirassununga. É na baixada que sua máquina desenvolve toda a velocidade necessária. Valdecyr vê de relance o cachorro que sai do acostamento; entra na pista oposta. E o Uno Mille que, numa manobra audaz, desvia do animal. Ele sai ileso. O rabo abanando. A língua de fora sabe-se lá por que.

O cão: Ele ouve o barulho metálico do impacto. Choque frontal do carro com o caminhão.

O caminhão: Valdecyr sofre umas poucas escoriações. Esta noite ele não dormirá em Bauru.

O burro: Fim de tarde do dia onze de outubro do ano de dois mil e oito. Sétimo dia. Ele sobe pelo acostamento da direita. Chicote no lombo. Toda a capacidade de carga. Ele vê no canto, à direita, sobre a pedra, a cruz cuja base está coberta por uma coroa de flores amarelas. Chumbada à pedra, uma pequena placa de bronze. Epitáfio. O burro não sabe ler. Mas se soubesse: "Aqui jaz Luiz, o defunto mais feliz do mundo!"

Sobre a beleza dos naufrágios

Menina do cabelo caracol.
Eu te conheço de outros Carnavais.
Daqueles mais animados.
Liberdade infinita.
Admiro a simplicidade,
a graça e a bondade que Você guarda.
Apesar destas peças que o tempo prega na vida da gente.
Tua essência é de uma beleza rara,
que envolve todo o teu corpo.
E sublima através do teu perfume – bálsamo suave.
Quando nossos corpos se tocam,
as minhas plaquetas, os meus glóbulos brancos e também os vermelhos
disparam numa dança espiral pelas artérias.
Vão tão longe que Você nem imagina.
Aguça minha sensibilidade.
Depois voltam correndo através das minhas veias.
É isto que faz o meu Coração bater forte.
Quando Você me abraça,
quando Você me beija,
sinto meu corpo como barco frágil,
destes de pescar.
As ondas do mar se agitam.
Redemoinho na diversidade das direções e dos sentidos.
Tempestades de vento.
Relâmpagos e trovões.
Menina, o teu amor faz naufragar o meu barco.
Próximo alguma ilha distante e deserta.
Paradisíaca.
É para lá que eu nado com todas as minhas forças.

Depois, em terra firme,
tudo o que quero é dormir estirado na areia,
com Você aos meus braços.
O sol que Você trás no peito aquecendo o meu corpo.
Menina do cabelo caracol queria ser o gato velhaco,
que Você chama pela alcunha de Fumaça.
Só pra olhar preguiçoso os teus cuidados com toda a Criação,
que chega até Você.
Amante dos animais.
Mesmo estando distante,
quando Você diz para eu ficar com Deus,
eu sei que Ele está comigo.
E eu sei também que Ele nunca te deixa.
Então, de um modo sutil,
que não compreendo,
estamos sempre juntos.

Eutanásia

Jacinto adentra o boteco fétido e imundo onde, bêbados, os trabalhadores braçais tentam desesperadamente justificar uma existência reles, à margem do conforto e da luxúria que a tecnologia trouxe para uns poucos sanguessugas. A aguardente diluída no sangue irriga as terminações nervosas e promove este quase-milagre (que seria de fato, não fossem os efeitos nocivos à saúde).

Os bêbados ocupam-se dos jogos de baralho ou das conversas circulares – infinitas. Outros jogam bilhar e fumam dos seus cigarros baratos e vagabundos. Gargalham alto para que possam ser ouvidos – apesar do silêncio na noite escura; lá fora. Permeia o ambiente uma fumaça densa e sinuosa.

"... Então, caracterizam os seres vivos dois sistemas que coexistem em diferentes planos: O primeiro deles é o sistema aberto que podemos chamar de estrutura. O fluxo da matéria; de energia; vibrações de baixa e de alta freqüência; quem sabe até as nossas próprias idéias, os pensamentos e as nossas sensações que fluem através do domínio do corpo; que opera num estado de regime fora do equilíbrio termodinamicamente estável. Outra coisa – o outro sistema – é aquele fechado, do padrão organizacional dos seres vivos. Este é alimentado pelas variações de fluxo, caracteriza um arranjo circulatório, onde a mudança de um dos parâmetros afeta a resposta deste ou de outro dos elementos – uma cadeia de conexões. O mais interessante é que este sistema fechado, o arranjo circulatório, é passível de reorganização e evolução para outros padrões organizacionais mais complexos – o que vai contra o princípio de entropia. Isto é, autopoiesis." Jacinto se lembra da conversa que ouviu entre dois sujeitos cabeludos dentro do coletivo lotado; no fim do dia. Bolsas de couro penduradas nos ombros. Óculos espessos

de grau nos rostos barbados. Provavelmente estudantes ou pesquisadores – destes que se ocupam dos assuntos que não dão dinheiro, e tão pouco ganham por isso. Sonhadores, idealistas ou mesmo retardados.

Sentado no banco, ao balcão da espelunca, Jacinto tem uma visão privilegiada da variedade de opções das ilusões engarrafadas nas prateleiras. Do forninho elétrico que mantém morna a temperatura das salsichas, dos ovos empanados multi-coloridos e dos nacos de torresmo. Girando em torno do eixo da cadeira, ele vê uma meia dúzia de mesas efervescentes pelas falas guturais, os gestos exageradamente rudes dos fregueses empapados de álcool e suas idéias toscas. O cheiro do ambiente é um misto daquele da nicotina queimada, dos alambiques úmidos embolorados, e do suor dos fregueses – elixir do dia inteiro de trabalho ao sol; na obra onde jamais seria permitida a entrada deles; tão logo deixassem de oferecer serventia. A mesa redonda de carteado e a outra retangular de sinuca ao fundo – com suas respectivas coberturas de feltro verde.

Jacinto observa a cena e imagina os corpos como simples pedaços de carne sujeitos aos seus próprios espasmos. Reações involuntárias à condição agressiva que a sociedade lhes impõem. "Estão agonizando", pensa Jacinto. "Há muito já não vivem mais".

O gordo e espalhafatoso dono da bodega vem perguntar o que é que ele quer. Que ele já está algum tempo lá fitando o infinito, que não cabe aqui neste canto de mundo.

Jacinto pega a faca de churrasco. Corta a traquéia e depois a garganta do gorducho num único golpe. De baixo para cima. O sangue jorra vermelho (não poderia ser outra a cor).

Jacinto saca dos bolsos de sua velha jaqueta preta o par de semi-automáticas Taurus 357. Rende os pinguços e segue rápido em direção à saída. Ao longo do caminho escolhe quatro felizardos, aos quais presenteia com tiros certeiros no peito, na

cabeça ou na nuca. A passagem desta para uma melhor. Como de costume, por questões de segurança, e outras de suas crenças pessoais, nunca alivia o sofrimento de um número maior de almas que aquele dos dedos de uma de suas mãos.

Foge pela noite escura. Só assim é que ele pode repousar tranqüilo. Depois de consumada a atitude virtuosa. "Hoje dei a minha contribuição social".

Ritual da purificação

Só para quem já teve todos os seus Sonhos,
e as suas Esperanças,
aplacadas pela fúria das violentas tempestades.
Furacão que desloca seu eixo para sempre.
Para a configuração celestial.
Onde as harpas tocarão a eterna música dos Anjos.
Há ainda a possibilidade.
Abandona tua Alma negra.
Toca a ponta dos teus dedos à superfície dos meus.
Sente o perfume infinito que nos invade.
Porque a liberdade existe para quem não acredita em correntes.

O sol que invade o teu quarto

Se Você descobrir que o mundo é mais bonito aí da tua janela,
me chama para eu ver também.
Compartilha comigo da descoberta.
Conta-me cada um dos teus segredos.
O número das estrelas no céu.
Quantas gotas d'água cabem numa nuvem.
Fala do encanto das fadas que habitam os teus sonhos.
Eu acredito na música dos duendes que Você ouve de vez em quando.
E tenho medo dos mesmos monstros que te apavoram.
Muita vez eu fujo e me escondo deles.
Mas apesar destas minhas fraquezas;
das tuas razões para sorrir,
deixa-me ser apenas uma delas.

O CEGUETA

Naquele dia o mar recuava e investia sobre as pedras repetidas vezes. Espirrava mais água que de costume. Como uma analogia à confusão mental dele. As gaivotas voavam em câmera lenta. A expressão delas estava mais para o sarcasmo que para a compaixão.

Observando a flexibilidade do gato ele aprendeu sobre a liberdade. Com os cães ele entendeu o sentido do companheirismo e da obediência. E desde cedo herdou dos pássaros o desejo de voar.

Ele estava mal vestido, como sempre. O espelho, com o qual ele conversava, dizia que não. Mas ele era cego de não ver a diferença do homem do banco e daquele que o assalta. E de não entender o que via, ele era, de quebra, burro.

Quando trabalhava de pintor, e resolveu distribuir a tinta na parede com a forma do que pensava, recebeu férias sem fim como recompensa. E passou a tarde inteira olhando para o céu.

Seu desejo de voar não parecia ser menos acessível que arrumar outro emprego. Jogar bola, torcer para o Flamengo ou para o Corinthians era a mesma coisa. Como fazer exercício. Sua mulher ainda servia o arroz com feijão. Mas andar no ônibus lotado, com tantos carros nas ruas era sempre um risco.

E no túnel, para atravessar de um lado ao outro, quando o assaltante pediu dinheiro, ele disse que não tinha. Aquele ofereceu uma bala amarga e sem tempo para recusa. Ele derreteu-se em luz. Olhou em volta e as gaivotas sorriam. E então foi só bater as asas para longe.

O CHAMADO

Morando tempestuosamente distante de tudo, o que mais interessava é que Pedro podia dedicar-se à arte de fazer aquilo que achava que devia e de não fazer aquilo que ele achava que não. As galinhas e os galos, que ficavam no cercado, ocupavam praticamente todo o seu dia. O ritual da criação. Passando por acordar cedo, preparar o café, coletar os ovos, ir à venda, alimentar o galinheiro e depois a ele próprio. Fumar o seu cigarro de palha e relaxar depois do almoço. Consertar algo que inevitavelmente o tempo encarregava de colocar fora do seu devido lugar. Ou o ritual da manutenção. E então Pedro, dentro de seu firme propósito de vir a ser o que ele mesmo é, continuava fazendo tudo aquilo que era necessário para que o seu dia fosse irremediavelmente igual ao anterior.

Escorrido dentro de um prato de Pedro certa vez um ovo, que era para ser frito, era o ovo de um cachorro. O estranhamento de Pedro só foi maior depois que outro chocou, para finalmente vir a ser o primeiro cachorro nascido de um ovo. E o ovo tinha pêlos. Pedro ficou intrigado e dividiu sua surpresa com o dono da venda. Ele disse para o outro parar de procurar o que já tinha achado, mas já era tarde demais. Os caras do bar riam de Pedro e dos cães nascidos de ovos que o seguiam até a venda; e serviam de prova viva para a descrença inevitável que o destino guardou para ele. As crianças e a mulher acreditavam nele, por que também viam os cãezinhos nascerem dos ovos. As crianças apoiavam fervorosamente as histórias de Pedro, mas também compartilhavam do riso inocente, junto a todos os outros que ouviam as falas de Pedro; como se tivessem de provar que é possível se divertir em qualquer situação. A mulher mostrava-se indiferente. Achava simplesmente que não tinha de se meter com isso.

E quando Pedro, o galinheiro e seus cachorros eram mais do que aquilo que a mulher achava que tinha de se meter, ela pegou as crianças e deu um pé na bunda de Pedro. Fugiu com Antonio, que era motorista do caminhão de leite da fazenda vizinha, para vir a ser o que sempre foi. E ninguém tinha de se meter com isso. É verdade que Pedro, por um tempo, foi mais feliz, e sabe-se lá por que. Fato é que os anos se passaram e nada mudou até aquela tarde de domingo.

Pedro foi à venda e pediu uma cerveja que ele dividiu com mais dois companheiros, que se esforçavam para escutar mais uma vez a história, e suportar o fedor dos cães rodeados de moscas, em troca de um copo de cerveja gelada. E para alimentar o que poderia vir a ser o copo seguinte, os amigos tinham de gargalhar com vontade. Para mostrar o que sempre foram. Mas daquela vez nenhum dos dois riu. E então os cães uivaram como nunca se viu, e na cabeça embriagada de Pedro, era como se gargalhassem eles enfim. Como se tivessem pregado a última grande peça. A piada da vida deles, nascidos de ovos com pêlos, como os empanados que Pedro pagava para os companheiros incrédulos, como o leite da mulher e das crianças indiferentes. Ninguém dava-se ao trabalho, e então Pedro teve a grande iluminação de que ele é quem deveria tomar a dianteira.

Pedro foi até a porta da venda e sentou-se no banco de onde ele podia ver toda a paisagem, que sempre foi a de domingo de sol, nas fazendas de lá. E ele já tinha visto aquilo por todos estes anos. Pedro passou as costas da mão direita sobre a testa suada de mais uma performance da arte do convencimento; e ele achava que finalmente tinha conseguido o que sempre quis. Havia sido, enfim, uma atuação perfeita e ninguém mais tinha de se meter com isso. Pedro pediu, de fora, uma dose de cana e acendeu o cigarro de palha; para relaxar ou simplesmente contemplar melhor a paisagem. Só então ele acenou aos cães com o braço direito estendido. Eles

rosnaram, como se aguardassem o sinal em jejum desde que partiram suas cascas, para mascar os pescoços suculentos, tratados de cerveja, dos dois companheiros risonhos.

Os cães não foram ao enterro dos pinguços porque participaram antes de seus próprios funerais. Pedro encontra sempre com as crianças, que agora crescidas, já trabalham na fazenda vizinha. Pedro cuida das galinhas e dos galos do cercado. A mulher quis voltar, mas Pedro não quis saber. Ele não tinha nada que se meter de novo com isso.

Carta enigmática

MEU espaço NOME espaço É espaço ponto ponto ponto

OCUPO espaço UM espaço VOLUME espaço VAZIO espaço DO espaço ESPAÇO ponto

PENSO espaço EM espaço TUDO espaço QUE espaço TE espaço CERCA ponto

MASNAMINHACABEÇANÃOHÁ PARAVOCÊ.

E no espaço do meu peito carrego o coração.

O VAZIODOCORAÇÃOESPERAO DETEMPOQUENOS

SEPARA.

Homem de Java

Era meio dia em ponto quando ele chegou. O sol escaldante de verão fazia com que o mormaço embaraçasse levemente a visão; em vapor salgado da água do mar. Os contornos do corpo dele, então, não eram definidos: fundiam-se ao azul do céu e ao sol.

Ele sentou-se na areia e iniciou o antigo projeto de cavar com as mãos: arte esta que havia desenvolvido ao longo de sucessivas eras, desde o homem de Java. Mas quem era o homem de Java afinal? E esta questão era a quinta-essência de todo o antigo problema.

Ele prosseguia – cavando e cavando – indiferente a todas as demais figuras que aproveitavam o momento de outra forma: nadando, paquerando ou admirando uma embarcação que cruzava, ao longe, a linha do horizonte. Cada palmo de areia abaixo era mais um em direção a ele mesmo. E quando, enfim, o buraco era fundo o suficiente para todo o seu braço esquerdo; era também aquele do nível do mar.

A água invadiu a obra como que demonstração algébrica de que, sendo ela um fluido, e a areia nada além de pedra moída, não haveria nada mais a ser feito. Mais um palmo abaixo, com muito esforço. O sol refletia o seu rosto. Ele gritou: "Tem alguém aí?"

O reflexo do seu rosto deixava-o ainda mais perplexo. Pensou que para entender era preciso primeiro esvaziar-se de si mesmo. "O que? Fala mais alto, que eu não estou ouvindo!" Ecoava no buraco. A voz parecia outra.

Quando uma lágrima de suor respingou ao fundo, a lâmina d'água emanou ondas concêntricas, a se expandirem. Deformava a imagem refletida do rosto dele. Toda assimetria da esquerda mostrava-se à direita. Vice-versa. A imagem fez movimentos com a mão. "Já vou!"

Foi visto de cabeça para baixo, entrando no buraco. Os pés para cima.

Depois nunca mais.

Inseto maldito

Diogo veio caminhando lentamente e sentou-se à sombra da mesma árvore. Deixou suas coisas ao lado. Era um dia quente, quase hora do almoço, céu aberto e a beleza das montanhas que o rodeava.

Ele tirou a palha de um bolso e o fumo e o canivete de outro. Com a experiência e a calma que lhe eram características, começou a trabalhar no antigo projeto do cigarro perfeito.

Antonio veio caminhando lentamente e sentou-se à sombra da mesma árvore. Olhou para o alto e depois para baixo. Antonio perguntou à Diogo sobre Pedro como quem já sabia a resposta. E Diogo acendeu o cigarro com a certeza de quem deu passos no caminho que escolheu.

Ele disse que um inseto tinha picado Pedro como se fosse uma abelha. No começo tudo era normal como a dor e a coceira. Mais tarde não era assim. E Antonio olhou para o alto. E depois para baixo. Diogo disse que era difícil mesmo para contar. Ele disse que era, na seqüência da sucessão dos fatos, como que um outro jeito de ver as mesmas coisas. Uma mudança de cabeça.

Diogo tragou forte e permaneceu um pouco em silêncio. Depois disse que, apesar de tudo, o mais triste é que quase nada mudou. Quando ele olhava no espelho era como se os cabelos saíssem do pescoço, como uma barba muito espessa. O alto do rosto quase careca e a estranha sensação da boca disposta mais alta na face que os olhos. Antonio olhou para o alto e depois para baixo. As orelhas e o nariz alinhados como deveria ser, mas nem tanto. E, como se preparasse a cartada final, Diogo disse: O rosto de cabeça para baixo.

Começou a ventar. Diogo tragou forte e calou-se por um instante. Antonio quieto, ouvindo. Diogo disse que era sobre algo que as pessoas não viam, mas que Pedro não podia deixar

de notar. E então começaram os problemas. Máscaras para andar na rua e a cidade toda estranhou. Ele tentou explicar para a mulher mas ela também não via e não achava necessário. E depois o medo de morrer afogado se babasse. Tomar tudo de canudinho. Os amigos do bar estranharam. As brigas, a mulher se foi, o emprego se foi. Antonio olhou para o alto e depois para baixo.

Diogo tragou fraco, prendeu o cigarro entre o polegar e o indicador e o arremessou longe. E foi só. As nuvens cobriram o céu. Antonio despediu-se, olhou para o alto, depois para baixo, e foi caminhando lentamente. Em casa Maria serviu o almoço e ele disse que a amava, apesar de tudo. Quando saiu para o trabalho, levou consigo o guarda-chuva. Com medo de morrer afogado.

Dormindo debaixo da árvore, Diogo acordou assustado com um trovão. Saiu correndo com o polegar e o indicador tapando as narinas.

Apelo

Quando eu gritar
com toda a sonoridade
de uma borboleta
será que Você vai me ouvir?
Se não tendo asas,
meu vôo é tão rente ao solo,
imperceptível aos olhos,
será que Você também não o vê?
Das profundezas do mar
minhas guelras permitem
salgar a ausência
do oxigênio que Você respira.
Porque pouco me importa
quem Você pensa que sou.
O coração vermelho irradia,
transborda e envolve.
Mas se do canto dos olhos
uma lágrima me corre,
é por Você.

Manhã de dois olhos

As idéias,
como os cometas,
viajam em lampejo
de um único instante.
Captado o exato momento:
brilho raro
ou rebento – de luz.
Mas se perdido da visão,
arco-íris de pensamento.
Manhã de dois olhos,
assim como as ondas suaves
de um mar caribenho.
Meu coração em aperto.
Sigo sempre sozinho.

Cacto

O tempo de vida de uma ampola de cerveja está diretamente relacionado

à sede de duas pessoas em lados opostos de uma mesma mesa.

Aqui neste bar um deserto nos separa.

Eu nele; Você fora.

Bebo e Você são me parece tão idiota.

Você não entende que estou um estrangeiro?

Eu sem cruzeiros no bolso;

Você são ainda é um brasileiro.

Esta noite é Você quem paga a conta.

Talvez eu vomite um oásis, três camelos, um harém

e alguns sonhos.

O artigo primeiro garante a estabilidade do pensamento. E sendo ele leve, ainda é possível que seja bom e útil aos outros. É interessante que este tipo de idéia tenha como premissa a iniciativa atuante no exato sentido da necessidade das pessoas, e indo de encontro aos objetivos comuns do inconsciente coletivo. Só assim é possível ter-se certeza da validade de tudo aquilo que está em jogo. Qualquer outra vertente, ou deslize, e pode ser tarde demais (o inferno já está cheio das boas intenções).

***

Entrego o que escrevo (esta única lei) para o leão ler. Na cabeça dele o olhar é vesgo e ele não entende as palavras.

Nas praças, olho para as árvores, almejando apreciar o que transcende a elas – além e atrás. Resta-me a dificuldade de enxergar através das folhas.

Talvez seja por isso que eu escrevo para o leão: No fundo, eu e ele sabemos que a melhor forma de comunicação é o fingimento de uma compreensão forjada na preguiça de entender.

Café preto

Observo a xícara fumegante
e imagino,
no seu conteúdo líquido,
o conjunto das lágrimas tristes
derramadas por ti,
ao longo de todos estes anos.
Penso que o inverso deste
seria a ebulição
até a evaporação das gotículas
em vapor d'água.
O gás a expandir-se,
em grande agitação,
primeiro através do cômodo da sala de estar,
onde eu me encontro.
Depois para além dele,
através das pequenas frestas,
entre as janelas e as portas.
Até abraçar o mundo,
todo o universo
– que é o tamanho deste Amor.

Devoro-te aos pedaços

O espaço transcendente no qual trafegas
parece tão inviável.
São artes do mar as suas ondas
e a possibilidade de não fazê-las.
Maresia a favor,
contra qualquer imprevisto.
Lamenta cada lágrima
por pertencer a um olho só.
Pede mais um pouco e procura.
Almeja o cume de dimensão inimaginável.
Ondas de um mar revolto,
onde o submarino sou eu.
O espelho no qual te olhas
reflete a ti mesma,
que de tão linda e exuberante,
entorpece aos sentidos
que são teus,
e que são meus.
Devoro-te então,
aos pedaços.
No mundo subaquático
da minha visão,
capturo um flashback teu
onde gozas eterna
para mim.
Aquele sorriso
dissolve-se na penumbra,
em gemidos.

A matéria é solta e jogada ao prazer das leis naturais. Assim e ao contrário dos ciclones, que constituem as exceções, sempre tão importantes quanto as regras. Para que o equilíbrio possa dar-se no vazio da dúvida – o fato em si mesmo.

Neste desenrolar do tempo, escorrido por espirais que levam para algum buraco negro da consciência. Onde tudo é sabedoria e a dúvida apenas um conceito abstrato. Lá, onde o real é improvável habitar; a convergência entre o insano e aquele que raciocina: o óbvio. As coisas como elas são.

No meio do caminho sou tragado como que por sonho. Como se o tempo congelasse e fosse permitido mudar de escala. De valores. De pontos de vista. Sou tragado por este ralo também. Esse que leva a gente para esta convergência absurda; à borda do universo; num instante infinitamente distante de agora. E então, é mesmo sonho, loucura, devaneio.

Isto, ou a brincadeira de ver a Via Láctea como que matéria girante indo para o centro. O umbigo para onde voltar, do tamanho de uma laranja. Minúsculo é o decaimento das partículas. Noutra escala: a bolsa de valores caindo; levando junto os senhores de terno preto, *laptop* e celular.

Tal e qual a imaginação do viajante, o caminho é sempre o mesmo. Dando voltas em torno do corpo. Ou ainda, de um novo ponto de vista: a cabeça girando e girando; sem parar. E, por isso, tanta confusão.

A diferença entre um e o outro

Antonio entrou na sala ligeiramente após o início da aula. Baixou a cabeça num sinal de respeito a Francisco, que fazia a preleção. Este consentiu. Aquele caminhou calado e sentou-se ao fundo. Antonio passou os olhos atentamente pela sala. Observou que a classe era composta por aproximadamente quarenta estudantes. Todos eles na faixa dos seus vinte e poucos anos. Mais ou menos uma dúzia de mulheres. Apenas um terço delas eram atraentes. Bem que podia ser numa faculdade de artes cênicas, pensou Antonio. Neste caso, muito provavelmente, ele não haveria de estar ali. Porque lá são mais resolvidos.

Francisco deve ter uns trinta anos, pensou Antonio. Mais novo do que ele imaginara. Antonio, já beirando os quarenta anos de idade, era certamente o mais velho da sala. Antonio piscou o olho direito três vezes rapidamente e na seqüência ergueu e baixou seu ombro esquerdo. Francisco falava sobre um tal de Mandelbrot. Um certo procedimento iterativo que era computado; e visualizado graficamente no plano complexo. A fronteira da figura resultante apresentava uma geometria peculiar e elaborada. Esta fronteira mantinha a mesma característica mesmo quando sujeita a sucessivas ampliações. E isto caracterizava a geometria como fractal, disse Francisco. Figuras coloridas que aludiam às formas variadas da natureza.

Fazia calor e isto era bom. Caso contrário, as mulheres da sala não estariam usando as roupas vaporosas que a idade lhes permitia. Antonio deliciava-se com isto – apesar de ter o seu universo restrito a umas quatro ou cinco beldades. Já fazia algum tempo que não passava o tempo sentado na carteira; recordava como outrora havia sido divertido. Mas o ventilador no fundo da sala; com suas pás ligeiramente desbalanceadas; o incomodavam pelo ruído cíclico. Antonio também receava que o mecanismo, em mal estado de conservação,

se soltasse e viesse a atingi-lo (embora percebesse que os demais estudantes não davam a mínima para isso). Devia ser destes pequenos inconvenientes que fazem sentido apenas para as pessoas mais velhas – ou aos afrescalhados. Antonio piscou o olho direito três vezes rapidamente e na seqüência ergueu e baixou seu ombro esquerdo.

A maioria dos estudantes parecia bastante entretida com as explanações de Francisco. Ele deixou a sala de aula por alguns instantes e retornou trazendo o aparato: um pêndulo cujo centro de oscilação estava fixo num carrinho. Este, por sua vez, podia correr na horizontal; produzir um movimento de vai-e-vem com pequena amplitude; caso fosse acionado o motor elétrico. O pêndulo; com sua massa disposta abaixo e distante do centro; oscilava naturalmente em torno do equilíbrio estável; quando ligeiramente deslocado da posição vertical. Depois de algum tempo, parava. Francisco demonstrou isto em sala.

Antonio observava apenas um grupo de três alunos dispersos. Eles conversavam e gargalhavam baixo; no canto esquerdo do auditório. Sabe-se lá: discutiam algum caso da noite passada; um programa de tv; talvez estivessem mesmo ridicularizando alguém da sala. Antonio imaginou a si mesmo como foco das piadinhas. Ele piscou o olho direito três vezes rapidamente e na seqüência ergueu e baixou seu ombro esquerdo. Depois Francisco acionou o motor elétrico que tocava o carrinho. Causava o movimento cíclico horizontal do centro de oscilação. Conforme Francisco aumentava a rotação do motor, o comportamento do pêndulo era diferenciado. Até que, para uma determinada freqüência, o sistema oscilava com a massa acima do centro – pêndulo invertido. Este padrão de equilíbrio instável é a resposta do sistema à energia de excitação do motor, explicou Francisco.

Antonio com os olhos perdidos nos peitos de uma estudante com cabeleira longa e loura. Pensou nos motivos que o traziam ali. Será que fazia mesmo sentido? Tudo lhe parecia tão

dentro dos padrões da normalidade. Quando observamos uma flor, se ela é fresca, o aspecto saudável, o perfume agradável, então o que há de errado com ela? E mesmo que haja algo, deixará de ser o que é por causa disso? Mas Antonio havia aprendido que não. Os padrões existem para serem observados; medidos; julgados. Muita vez se punha a questionar suas próprias razões. Nestes momentos, preferia assumir que estava apenas um pouco cansado, e que isto, por si só, era a causa da dúvida. Então (e só assim) esta se desvanecia. Antonio percebeu a aluna fitando-o. E ele aos peitos dela. Virou de uma vez a cabeça, piscou o olho direito três vezes rapidamente e na seqüência ergueu e baixou seu ombro esquerdo. Francisco desenvolveu no quadro as equações não-lineares do movimento para o pêndulo invertido. Depois comentou qualquer coisa sobre a linearização necessária para o controle; os pontos de bifurcação; os diagramas de trajetória; e o caos.

Então ele saiu da sala e voltou equilibrando com dificuldade uma bacia. Cheia d'água quase até à boca. Antonio aguçou o seu olhar. Quiçá, o que ele esteve esperando, durante todo este tempo! Estas experiências de pico o mantinham vivo; seguro de si; de suas convicções. (Afastava o fantasma de sua insegurança). Afinal, o homem é o predador dele mesmo. Ora fazemos papel da caça; ora estamos naquele do caçador – sábio e antigo o dito popular.

Francisco preparou um barco a partir de uma folha de papel em branco. Botou-o flutuando sobre a bacia. Ele disse que esta era a condição de equilíbrio estável da interação do fluido (a água) com a estrutura (o barco). Então se ajoelhou de frente à bacia. Começou a bater com as plantas das mãos violentamente na água. Para provar o seu desequilíbrio. Foi quando Antonio levantou-se, foi caminhando calmamente em direção à porta e baixou a cabeça num sinal de respeito a Francisco, que fazia a preleção. Este consentiu.

Antonio retornou à sala acompanhado de dois brutamontes vestidos com os seus uniformes brancos do manicômio. Eles

puseram a camisa de força em Francisco. Levaram com ele dali. Antonio tinha quase quinze anos de experiência como psiquiatra. Freqüentava as sessões semanais de terapia. Mas não havia conseguido se livrar do cacoete.

Cadeia alimentar

Cada um de nós
traz dentro do peito
uma brisa
alguns dias esta sopra fraca
parece sufocar a calmaria
outrora é capaz de tocar a tua jangada
às vezes furacão
redemoinho, tempestade
assim a vida faz da gente
brinquedo
importante é entender do mar
e das suas malícias
aproveitar das delícias
superar as barreiras
no fim das contas
ser capaz de sorrir às gaivotas
cativar a amizade das sardinhas!

Sim, eu defenestrei o gato.

Conte-me o que se passou em detalhes, meu rapaz, para que eu possa avaliar a gravidade de teu pecado.

Eu e meu amigo Diogo nos encontramos num boteco fétido, próximo da rodoviária. Depois do trabalho. O encontro havia sido previamente acordado. O intuito era simplesmente aquele de jogar sinuca, tomar umas cervejas, uma ou outra cachacinha, jogar conversa fora e comer uns torresmos. Espairecer da correria do cotidiano – confraternizar. O ambiente estava animado com a presença de profissionais dos mais variados: pedreiros, eletricistas, cobradores de ônibus e alguns biscates. Cada um deles contando causos burlescos do dia a dia. O senhor, mesmo sendo padre, deve saber que muitos de nós – homens simples que ganham a vida nas ruas das grandes cidades – não passamos de uns bazofiadores e fesceninos.

Sim, sim, eu sei. Mas, por favor, prossiga meu rapaz.

Acontece que, naquela noite, ficamos entretidos um pouco mais que de costume naquela espelunca. Jogamos muita conversa fora. Ainda mais cachaça e cerveja pra dentro. Eu e meu amigo Diogo dividimos um apartamento simples num conjunto próximo daqui, no centro, com mais dois outros colegas; que também trabalham na mesma obra. Moramos no quarto andar; apartamento número quarenta e dois.

Sim, meu rapaz. Mas prossiga.

Quando voltávamos a pé; cambaleantes; da bodega para o prédio; já tarde da noite; um gato começou a nos seguir. Ele veio miando. Dizem dos ébrios que estes têm lá as suas semelhanças com as crianças. A certa altura do caminho, paramos e brincamos com o bichano. Ele era manso. Continuamos a árdua jornada. O gato seguia atrás, miando.

Sim, mas e daí, o que houve?

Dado momento; defronte ao prédio; estávamos eu, Diogo e o gato. Discutíamos, então, o que faríamos do gato. Não os três; apenas eu e Diogo. O gato miando. Ele já tinha chegado até ali. E parecia faminto. Pensamos em alimentá-lo com leite. Havia leite na geladeira do apartamento. Mas era proibida a entrada de animais domésticos no prédio. Como disse, padre, o felino era dócil. Acomodou-se por debaixo da blusa, bem de frente a minha barriga, e entramos pelo saguão. Quando passamos pelo porteiro, ele disse: Boa noite, Jóve – com o português tosco; que o curso de madureza não deu conta de corrigir. O gato botou a cabeça pra fora da gola de minha blusa naquela hora. Imagino a surpresa dele; não a do gato; àquela do porteiro. Eu de cara cheia em cima; e a cara do gato, com os seus longos bigodes logo abaixo; à altura do meu pescoço. Jóve, não pode subir com o bichano. Eu só vou dar um pouco de leite pra ele e já trago pra baixo. O gato deu um miado faminto; acho que vinha confirmar a história. Pode í então, Jóve. Eu, Diogo e o gato pegamos o elevador.

Até aí, sem pecado. Boa a intenção, meu rapaz.

Chegando no apartamento, o gato continuava manso. Pegamos leite e pusemos num prato fundo, destes de sopa. Ele tomou tudo. Tomou até mais um pouco de leite; de um segundo prato fundo de sopa. Feito isso, fui pegar o bichano pra levar para baixo. Parecia endiabrado. Já não miava mais. Botou as unhas de fora e não queria que ninguém tocasse as mãos nele. Numa de minhas tentativas, arranhou o meu antebraço esquerdo. Quatro linhas longas e paralelas delineando a ferida. O sangue brotando da pele. A cabeça girando de bêbado. Diogo abriu bem a janela. Peguei o gato de impulso, pelo meio do dorso e defenestrei com ele dali.

O gato, ele caiu de pé?

Ele deu um único grito longo, desses de gato mesmo, durante toda a descida pelos quatro andares abaixo. Caiu de pé;

com um barulho oco no tórax. E saiu correndo dali. No outro dia, padre; desculpe-me pelo termo; puta dor de cabeça; eu nem me lembrava mais do ocorrido. De onde é que surgiram estes arranhões no antebraço?

Então, como é que está aqui se confessando?

É que fui topar com ele bem na saída do prédio pela manhã. Não com Diogo; com o gato. Ele estava lá na sarjeta; duro feito um pau. As patas retesadas pra frente; sangue seco escorrido do canto da boca.

Que azar, levou as sete vidas de uma vez!

Acontece, padre.

Sete Pai Nossos; sete Ave Marias; e vai com Deus, meu rapaz.

Antonio, o mudo

A chuva cai lá fora, mas apesar de protegido por este teto, é como se chovesse dentro de minha cabeça – pensou Antonio. Anteontem mesmo, dia quente, um sol infernal lá fora, e ainda que em ambiente termicamente condicionado, foi como se fritassem os meus miolos. De certa forma, estou desprotegido das intempéries.

Quando questionado sobre a arte e a inovação da vida, penso sempre nos ovos que foram fritos, antes de virem a ser frangos. A vida tem destas surpresas. Assim, a arte de um ovo estrelado é o inverso da imaginação do galináceo, para o prazer da degustação do faminto.

A natureza entra com o equilíbrio, mas cada um tem de dar um pouco de si. Antonio era velho e gago. A idade ele adquiriu com o tempo. Em contrapartida, ganhou a experiência. Mas o gaguejar, não sabia de onde. Nenhum caso na família. Nenhum trauma de infância. Tudo aconteceu muito rápido, de repente começou a ter dificuldade em pronunciar as palavras. Os amigos se afastaram. Sentiu-se excluído do contexto social em que outrora vivera. Decidiu mudar de cidade. E desde então, passava-se por mudo. Já não tinha de dar satisfação pra ninguém.

Até que certo dia um playboy perguntou pra ele como chegar em determinado bar, da cidade pequena onde ele morava – ou se escondia. O puto devia ser de fora, e tinha mais dois amigos no Honda Civic zero quilômetro. Antonio não respondeu. Era parte de seu teatro do mudo. Antonio morava no sol. Mas quando chovia, ele ficava ensopado. No planeta Terra, trabalhava de açougueiro.

O playboy disse para Antonio que todo surdo é viado. Mas Antonio não era surdo; nem mudo. Ele era gago e açougueiro. Arrancou a peixeira e cortou a garganta do playboy filhinho de papai.

Coisa do destino: Antonio nunca mais gaguejou.

(1)
a poesia é sem fim

(10)
deixe suas roupas
esqueça o que Você já sabe
seu medo
jogue-o para o alto
seus pensamentos devem ser colocados no bolso da calça
a calça no cesto
para lavar
erradicar os maus pensamentos
ponha um chapéu à sua frente
sapato à esquerda
Você no meio
agora tome em uma das mãos o Coração
e o que restou
no meio ainda há Você
e a seu lado
tudo pode ser Você
sapato à esquerda
seu medo
jogue-o para o alto

(11)
a cada dia somos
um dia a mais
e um pouco mais
nós mesmos
e disso implica
em zelarmos por isso
para que o que
aqui se processa
seja mais e mais
legítimo e natural
da gente

(100)
o dia ou a hora que for
seja hoje e já
neste momento
que a partir de agora
e intermitentemente
o futuro seja o presente
e o presente seja o passado
do que é agora
que o que ontem foi vá
e amanhã
o que hoje é
seja ontem também

(101)
Vocês que são os atores
do teatro da Vida
a pena de Vocês é grande
como flores cortadas
em um ramalhete da terra
a Vida não é representação
e o teatro é dos artistas

(110)
contra a estranheza do céu noturno
restam-nos as nuvens, as estrelas e a lua surgindo
somos menores do que formigas
e não sabemos

(111)
as chinelas propiciam a possibilidade de andar
simplesmente estar ou não em lugares distintos
em tempos diferentes
sem elas o direito de ir e vir não se aplicaria
e não haveria movimento

(1000)
ontem esteve muito bom
como se flutuássemos de mãos dadas
sobre um campo de flores
ao que outros chamariam paraíso
e hoje vesti a fronha do travesseiro
sobre o qual Você dormia
como que para roubar
o teu cheiro

(1001)
fome
falta de mordida não dada
mastigação inexistente
digestão imaginária
sono
impossibilidade de fechar os olhos
sonho distante
pesadelo interminável
sede
ausência de água
camelos andando
e mais nada

(1010)
a fome do homem é
a fome do poder
exercer domínio sobre o semelhante
a fome do homem é
atração
sedução do sexo oposto
a fome do homem é
gula
fagocitose de si mesmo
auto-destruição

(1011)
aqui termina o que começou aqui

Cabeça de elefante

Senhor dos obstáculos, tanto de natureza material quanto de natureza espiritual. Apesar de ser reverenciado como removedor de obstáculos, é também aquele que os coloca no caminho daqueles que precisam ser provados. E dada a característica dual da vida; seu propósito no esquema dos movimentos sagrados consiste na exata disposição e na eliminação das adversidades; este é o meio de sua ação; a razão de sua existência.

Diz-se que, nascido de Shiva e Parvati, teve a cabeça decepada por Shiva por causa de seu charme, de sua sensualidade, e por ter se colocado entre Shiva e Parvati. Shiva substituiu então a cabeça original por aquela de um elefante. E deu-lhe a barriga proeminente. Todos os ovos cósmicos – aqueles dos universos do passado, do presente e do futuro – estão nele presentes.

Usou o rato como veículo de sua última encarnação. Via de regra o rato é interpretado negativamente; estando associado aos desejos; representa também uma ameaça às plantações e a toda a criação. O que aponta, portanto, para a necessidade de superarmos os obstáculos da peste; e também à transcendência dos desejos e das aspirações egoísticas. É ainda símbolo de que ele – assim como o rato – tem a capacidade de penetrar os mais secretos e sagrados ambientes.

Reside na base, na fundação de cada um de nós – que é onde está a força divina ou criativa. Governa esta força, que faz girar a roda da vida.

Patrono das artes, das ciências – e especialmente das letras. Espírito do intelecto e da razão. Seu nome é a composição em sânscrito do termo associado aos grupos, às comunidades e aos sistemas organizacionais; mais o substantivo cujo significado é mestre, ou senhor.

Ganesha, o cabeça de elefante.

o mais simples
remete ao mais profundo dos signos
desejo que traz consigo a saudade
das tardes quentes de suor
tua cor é minha preferida
vê aquela estrela no céu?
a gente vai se mudar para lá
onde posso sentir eterno o teu perfume intenso
beijar a tua boca vermelha
agora repousa tranqüila com os Anjos
eu aqui a fumar-te
inteira em minha mente

Quanto à matéria dos sonhos

Perco o sono.
Barulho da gata a se lamber.
Procuro outras formas de fugir da consciência alheia.
Mas escrevo.
Deixo a pista que não devia,
para tarde da noite Você me seguir.
(Das orelhas me esqueço sempre que não as ouço).
Aos dentes lanço a maldição
para que durem o tempo suficiente das mordidas.
Deixo aos outros,
de minha descendência,
a herança da eterna dúvida quanto à matéria dos sonhos.
Desde que não pude entender das curvas,
da escrita e das Tuas palavras;
tanto mais me empenhei nos afagos;
mergulhei os abismos além da Tua pele.
Queria extrair a quinta-essência da flor
que nenhuma primavera pariu.
Em resposta a certeza,
que navegar o Teu mar é perigo.
Feixe do brilho que mora em Você.

Armadilhas para panteras

Bem, inicialmente é preciso mencionar que *Panthera* diz respeito a um gênero da família dos *Felidae*. Este é o gênero de aproximadamente metade das espécies da sub-família dos *Pantherinae*; e caracteriza aqueles animais cuja modificação no osso hióide lhes confere a capacidade de rugir. A palavra pantera é usada, portanto, para designar os grandes felinos.

Devido à pujança da pantera, há tempos a caça deste gênero animal exerce um fascínio singular ao ser humano. Resulta daí o clássico problema caça-predador, objeto de estudo de inúmeros pesquisadores.

Minha primeira armadilha para a caça da pantera era baseada numa abordagem indireta para a solução do problema. Foi quando desenvolvi as funções matemáticas de forma ortogonais, linearmente independentes, cujas variáveis representavam o espaço e o tempo para que pudessem ser mapeados os movimentos da pantera. Pensava, naquela época, que a utilização das equações da cinemática e da dinâmica multi-corpos aplicadas aos mecanismos de locomoção animal permitiriam o rastreamento da pantera, valendo-se da crescente capacidade de processamento dos computadores.

Tenho de admitir a grande dificuldade enfrentada na definição clara das condições de contorno adequadas ao problema, dada à fluidez dos movimentos da pantera, e também às mudanças bruscas (não-linearidades intrínsecas) do seu comportamento. Cheguei até a implementar um modelo que tratava a caça da pantera como um problema acoplado fluido-estrutura; incluindo os efeitos de interação do fluxo de ar da floresta nos movimentos da pantera através das equações de Navier-Stokes. Mas seria significante a influência dos equinócios? E como considerar este dentre outros efeitos gravitacionais dos corpos celestes no modelo original para o rastreamento da pantera?

Com todas estas questões abertas decidi pela mudança de abordagem – excessivamente teórica – para uma experiência objetiva de caça à pantera. Foi resultado deste segundo intento o projeto e a construção de uma zarabatana; a qual disparava o projétil sonífero e dosado para o repouso da fera. Capturada a pantera, acolhi-a em uma jaula confortável, com abundância de água e alimento.

Para minha surpresa, observei o comportamento insone da presa após o recobrar dos sentidos (que não eram os seus). O corpo físico da pantera estava lá. Também o seu corpo vital. Mas no que pensava a fera? Quais os efeitos sobre o seu corpo mental? Com o passar do tempo, seu corpo supra-mental – aquele que promove a integração dos contextos emaranhados – sentia os limites obtusos impostos pela restrição da liberdade e a pantera apresentou significativa redução do seu chi. Soltei a pantera. E ficou provado que, neste caso, a observação afetara a medida.

Depois de muito tempo intui que a caça de "toda a pantera" deve garantir a integridade dos seus corpos físico, vital, mental, supra-mental e sutil. Por isso eu trabalhei com os materiais simples: estas pedras rolantes dos leitos de cachoeiras; algumas folhas dos arbustos rasteiros, sobre as quais repousavam o orvalho da manhã; gravetos de outras árvores frondosas e centenárias. Tudo isto temperado pelo banho da lua cheia; ao longo de sete noites consecutivas. Na manhã do dia seguinte à magia, fui até uma clareira da floresta; dispus os elementos em círculo, num arranjo intercalado; e me posicionei ao centro dele.

Com o sol a pino surgiu a pantera faminta. Desde então fixei os meus olhos nos olhos dela. Devagar ela veio entreolhando-me até que tocássemos as nossas frontes. Como resultado dos nossos aparelhos ópticos dispostos a uma distância cada vez menor; fitava os olhos da fera a se colapsarem num único olho ciclope. Dentro dele eu pude enxergar a mim mesmo: o caçador da pantera. Tal experiência remetia ao simbolismo do Yin-Yang.

Compreendi, naquele momento, que nossa natureza é Singular. Eu sou o caçador da pantera. E a pantera é o predador do homem. Ela só existe através da consciência do homem; ao passo que o homem resulta da experiência com a pantera; enquanto a realidade nada mais é senão o precipitar das nuvens de possibilidades infinitas desse encontro. Aquele que permite ao fluido realizar o ciclo da vida.

Enfim, como sou caçador (e não poeta), deixo para os artistas a demonstração de que armadilhas para panteras são marcos ao longo do caminho que leva ao encantamento.

O processo da idéia em 75 dias

Onze de Janeiro. Jacinto adentra o boteco e pede uma dose de aguardente. Vira de um gole só. Um raio parte ao meio sua espinha cervical; estremece todo o corpo. Diz que lhe desceu atravessado.

Dezessete de Janeiro. Julia é determinada e trabalhadora. Funcionária de uma fábrica de macarrão. Seu filho, Denis, um garoto de seis anos, passa suas tardes entretido pelo vídeo game de última geração.

Vinte e seis de Janeiro. Talita brinca de boneca. Ela tem sete anos. Adora cantar. Curte a música moderna do início do terceiro milênio. Augusto é o nome de seu pai. Tipo bigodudo e tal; doutor da Lei.

Segundo dia de Fevereiro. *"Existe a capacidade de construção anterior da realidade. É claro que a velocidade de colapso para a realização é lenta. Uma espécie de cristalização que se dá a partir do pensamento concentrado. É preciso muita determinação. Enfim, é possível, ao menos, colaborar com aquilo que vem por aí."* Escreve doutor Augusto na agenda reles de borracharia vagabunda. Foto de mulher pelada no canto inferior direito de cada página. Entre uma consulta e outra; no escritório onde exerce o trabalho de advogado.

Lua cheia ao nono dia de Fevereiro. Curva à esquerda; curva à direita; aceleração máxima na reta; ultrapassagem arrojada da moto pilotada pelos fantasmas risonhos; cruza em primeiro lugar a linha de chegada. Denis brinca no quarto. Luzes apagadas para potencializar o efeito visual da parafernália de imagens. Volume máximo do som. Noutro canto, Julia dá duro no controle de qualidade dos setores de embalagem e processamento da massa; nas mais diversas formas. Sai do serviço. Ela pára no estabelecimento a caminho de casa. Pede um refrigerante de limão. Recebe um confeito de hortelã, que é dado como parte do troco para o refresco. Julia vê graça na menina Talita bancando a dançarina no saguão da panificadora. Ela

presenteia a pequena com a bala de hortelã. Talita toma o automóvel de volta para casa; com seu pai ao volante. Doutor Augusto e Julia não se vêem.

Dezesseis de Fevereiro. Chove o dia todo. A cidade imersa num sono profundo. É tarde da noite. Jacinto, bêbado de bar, envolto em conversa circular com os seus comparsas. Infinita de tão absurda. Sem sentido. Sonha o vídeo game do futuro em sua mente – Denis dorme tranqüilo.

Vinte e quatro de Fevereiro: Carnaval. As pessoas já não cheiram mais do lança perfume. Uns partiram (morreram); é fato. Mas outros tantos (absoluta maioria) se divertiram para caralho. Jacinto pede uma dose da aguardente. Como naquele musical com Toquinho, Vinícius, Miucha e Jobim. Gravado para a apresentação da tv italiana em 1978. Ninguém entende o velho sentado no meio do palco. Garrafa de *whiskey* sobre a mesa. Velho maluco saravá. *"Carnaval, beijo na boca, delícia e paixão..."*

Quatro de Março. Denis ganha de Julia um saco com doces de banana, acondicionados em papel, no formato de bala. *"Será que é possível, então, exercer a co-autoria da própria existência (mentalização anterior para a precipitação da realidade)?"* Julia toma nota. Caderno de propaganda da fábrica de macarrão. Massa nas mais diversas formas.

Dez de Março. Talita e Denis conversam durante o recreio na escola. *"Minha bala de hortelã por uma das suas de banana."* Troca de confeitos entre os meninos. Julia e Doutor Augusto não se encontram.

Dezoito de Março. As especulações todas erradas. A realidade, ora, é a realidade. As linhas à palma da mão do destino. Sempre pronta para tomar às rédeas o controle da situação. Jacinto vira de um gole só o pequeno recipiente com a aguardente. O que mais esperar da vida?

Vinte e seis de Março. Doces só para as crianças. (Sacou?) Aguarde sua vez.

a psicodélica e os movimentos
culturais estetas
entre tantos os atributos
espantam a feiúra das idéias
avaliam pelo parque
os governantes persas
almirantes planejam novas cruzadas
em tais e quais coordenadas
enquanto Você aí largada
movida dessa água de coco
toda noite adentro
espera as estrelas acordada
não deixa que eu me deite
vê atrás delas o plano traçado
na palma da mão há tempos
para Você e eu fugirmos
dissolvermos no mar quente

Carta ao pulcro poeta

Caro Xerxes,

Você sabe que a proposição inversa dos teus escritos agride, invariavelmente, as plantas submersas no oceano Pacífico. Mas a que custo? Quando as asas bateram para longe e seria possível ascender às estrelas, por que Você não foi? Xerxes, eu sou a possibilidade que Você não realizou. O teu oposto nas idéias e no cotidiano dos dias. Sua mente degenerada mais parece um motor velho. Desses que consome bastante gasolina. Enquanto Você passa os dias escrevendo, cá estou eu a beber as garrafas pelas avenidas dos bares afora. Phoda-se Xerxes! Você perdeu. E perdi eu. Por que eu sou Você. Mas Você não sou eu.

Jacinto,

Escrito às horas de agora, anos depois de Cristo.

Em defesa à alquimia literária

Estimado Jacinto,

A tua garrafa está cheia até a telha de um destilado ruim e barato. Faz com que enxergue um cenário opaco e distorcido através do vasilhame que – dada a tua incapacidade de transcendência – imagina puro; cristalino; quiçá, libertador. Por isso não o recrimino pela crítica que ora me dirige; ao contrário agradeço por ter sido objeto de atenção nalgum momento de tua pífia existência. Isto é antes motivo de orgulho; regozijo para a alma clara; cansada de vagar desapercebida às trevas da infinita Terra.

Antes de discorrer em minha defesa, rogo ao meu Santo forte a capacidade de fazê-lo à altura de uma ambição desmedida – enorme a energia empregada no trabalho antigo, simples, natural. Trilho no qual tantas locomotivas já descarrilaram, que é coisa de meter medo. Mas não me acanho. Pratico o exercício do salto entre os abismos pelas próprias pernas.

Abandona, então, a sisudez dos números para as artes práticas das idéias. Faz de conta de um artesão das palavras. Ofício que é ao mesmo tempo nobre e pobre; posto que não há de servir de alimento para o corpo (ou de sustento ao indivíduo); mas de elevação da alma – tão longe quanto ela possa ir. Deixa, que eu te levo.

Escrever é a expulsão de uma dor absoluta. A nossa Terra tem inúmeras frestas para magníficas vistas: mas quão efêmeras! Todo resto é a mazela humana. Lama da qual o trabalhador lentamente vai se despojando. Fica registrado o anseio infinito, que de tanto querer, um dia depois do outro, é da matéria pensante que o futuro se molda.

A frase reverbera aos ouvidos do surdo que lê. A palavra sensibiliza a retina do cego que ouve. A estória da estranha

melodia entoada pelo coral de mudos – por mais breve que seja o instante. Não terá sido vão o esforço. Pode ser ainda difícil a compreensão para aquele que tem os sentidos entorpecidos pela abundância (vê, ouve, fala). Mas não faça de desentendido. Assim como o ignorante ri da boa piada, há de chorar o insensato a sua lascívia.

Pega então tua garrafa (agora vazia). Bota dentro dela um barco, uma caravela. Deixa soprar o vento na vela. Põe isso na tua cabeça. Antes que seja tarde.

Jorge Xerxes,

Escrito aos dias de hoje.

Um adeus com-puta-dor

a morte é hoje
a dor do momento
nada resta ao tormento
da eterna dor
dói pra sempre
infinito
dói demais



São muitos os que morreram nos dias de hoje.

Este poema é dedicado ao Papada, vulgo Noel Rosa.

(i) chegada. Enquanto inicio a grafia destes pensamentos, me assombro ao imaginar que os simples movimentos repetitivos de minha mão canhota são permeados por ondas de alta freqüência, que são aquelas devidas às sinapses de alguns neurônios – que ainda me restam. Além destas, as ondas da tv, dos celulares e da internet também estão no ar. Alguns às captam através de retrógrados aparelhos televisores ou mesmo os antigos, quase obsoletos, rádios am. Outros, mais modernos, já sabem isto tudo de cor. As cabeças estão para nós, os humanos, assim como os feromônios para as abelhas, ou os bigodes dos gatos. Vim para o cárcere em regime semi-aberto devido à sucessão dos erros passados que cometi. Estes eventos reverberam para frente e para trás no tempo, causando os desdobramentos que aqui me cabem narrar. O trabalho forçado consiste na observação, na diagnose e na correção da fabricação de rudimentares máquinas voadoras – características deste início do século xxi. Quando ocorre o arranjo precário destes apetrechos de suporte, há o risco de colapso – o que deve ser evitado, às custas de nossas próprias cabeças. Mudanças bruscas de comportamento: o ser humano não se encontra em estado de amadurecimento que o permita tolerar. Disso tudo, resta-me observar a exuberância da natureza no mês de dezembro. As chuvas de verão e o calor tropical saturam o reino vegetal de um verde insuportável. A não ser que se tenha um cigarro de palha para combatê-lo. Bem vindo à boca-do-tatu.

(ii) os caminhos de Elias Alves. Boa parte do período compreendido entre o alvorecer e o pôr do sol não faz jus à menção nestes escritos alfarrábios. Apenas mais uma correspondência enviada ao superior hierárquico – sem direito à resposta; pelo menos

na sua parca compreensão de ordem das coisas. Foi algum tempo atrás – durante uma simples partida de truco valendo o toba (a diversão predileta dos boçais) – quando se deu a dissonância de nossas idéias sobre os fenômenos da natureza dos seres inanimados. Exatamente no momento em que chamei truco, com o zape por entre os dedos de minhas mãos. A criatura se debatia como animal acuado e insistia em não admitir a derrota. Usou dos mecanismos ocultos da magia negra para justificar o injustificável – e fez seu pacto de sangue com aquele ao qual não se deve nomear. Desde então, o superior hierárquico passou a adotar o cabelo repartido e com o penteado para a lateral. Sei que não sou santo, mas pelo menos não abraço sua causa. E se o bigode estreito não está entre o nariz e os lábios da face, deve ser mesmo por que serve de adorno para o seu anel de couro – como reza a lenda. Fim de tarde. Daqui do conforto deste vaso sanitário, trabalho na execução simultânea de múltiplas atividades: desde o preparo cuidadoso de um cigarro do matuto até a eliminação de excrementos sólidos. Deixo-me envolver pela bruma fétida que, a seu modo, me transporta para uma tênue sintonia com os elementos. Uma vez completo o ciclo das necessidades básicas do ser humano, a natureza permite que eu saboreie uma fatia de bolo de milho, oriundo da estância hidromineral de Águas da Prata, e maturada por duas rotações do planeta em torno de seu eixo. Boto bermuda, tênis e camiseta. O aparelho mp3 tocando, em alto e bom som, o velho rock and roll para dentro de meus miolos. É quando parto para a corrida por entre as curvas sinuosas da estrada de Elias Alves. Descendo o planalto, os caminhos permitem o vislumbre de um horizonte amplo e plano – em toda sua extensão. Passo por entre um estreito vão do pontilhão da estrada férrea. Pouco adiante, é possível observar uma grande formação rochosa que desafia a gravidade das cercanias. O topo do monte apresenta suas árvores frondosas, num arranjo inusitado que me remete à lembrança da vasta cabeleira de Baba.

O caminho ziguezagueante da volta é árduo. Em certo trecho da subida os batimentos beiravam a freqüência crítica dos três hertz – e tive de caminhar um pouco. Cinqüenta e três minutos depois eu estava de volta à prisão dormitório em forma de prisma. Quem foi Elias Alves? Onde levam os seus caminhos? A sua existência, a sua história e a sua contribuição tornam-se pouco relevantes no contexto do ser humano ejetado da civilização para ser prisioneiro na boca-do-tatu. Melhor tomar um banho. A noite é uma criança – é preciso cuidar bem dela.

(iii) plano de fuga (ou sobre aquilo que vem do Espírito). A boca-do-tatu não é João Pessoa, nem tampouco a Roma Antiga. Mas parecem mesmo haver estranhas conexões – passagens secretas através de planos multidimensionais – que podem me levar para fora daqui. Esta noite eu pretendo explorar esta natureza de coisas.



"The good things of prosperity are to be wished;
but the good things that belong to adversity
are to be admired."
Lucius Sêneca, 4AC – 65DC, Filósofo e Estadista da Roma Antiga.

(iv) sem saída. As explorações da noite anterior mostraram-se infrutíferas. Tenho de admitir: estas pequenas frustrações vão minando aos poucos as minhas esperanças de um dia me ver livre desta prisão. Leio qualquer coisa sobre a astrologia. "Mercúrio e Netuno em sextil, Vênus e Urano em trígono; Lua cresce no signo de Aquário. Peixes: você deve, com certeza, seguir de acordo com seus planos, mas também deve considerar que nem sempre é possível fazer com que a realidade se ajuste à lógica esperada". Quem foi que disse que não se deve dar crédito a antiga arte de observação das pedras celestes? E mais adiante: "Há mistérios e coincidências que podem atrapalhar*; ou ajudar também*". Ainda não perdi a ilusão.

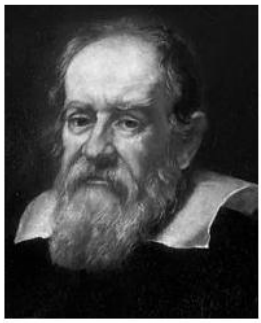
De volta à estaca zero. Retornamos à prisão dormitório antes que a noite arrastasse junto com a lua e as estrelas também as nossas almas. Eu preferia ficar sem essa. Li num muro destas cercanias: "Papa trilhas: Da natureza nada se leva, a não ser a recordação". A queda é dolorosa. Mas a realidade é que nos traz de volta ao chão. Faz a gente acreditar em coelhinho da Páscoa, Papai Noel e até na Fátima Bernardes. A esperança é de um verde insuportável. Mas para o prisioneiro, casa é um conceito distante – quase abstrato – e ele tinha de contentar-se às sobras de uma Liga que ia se desfazendo como que numa miragem, à medida que as criaturas deixavam o recinto sobrando apenas os bêbedos e outros camelos. Belos espécimes de fêmeas deixavam o recinto para o aconchego de seus lares. Mas havíamos chegado tarde demais. Jack Daniels para elevar o espírito e promover a integração num ambiente acolhedor. Colírio para os olhos. O esconderijo – denominado de A Liga do Chopp – era como que um oásis no deserto. Apesar da perseguição implacável, conseguimos nos desvencilhar dos feitores. Fazia levantar sacos plásticos e outros dejetos ao meu redor, denunciando a nossa fuga. Logo que deixei a prisão – em forma de prisma – um

redemoinho me envolveu. Vento frio e cortante na boca-do-tatu. Ontem eu e dois outros companheiros de cárcere tentamos uma incursão pela noite escura. Métodos de tortura ortodoxos e surpreendentemente cruéis. ***(v) a liga do chopp.***

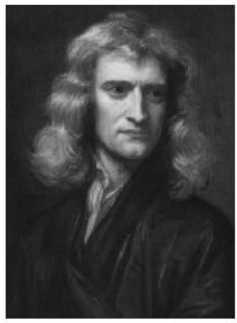
"If I have seen further it is by standing on the shoulders of giants." Issac Newton



Nicolau Copérnico (1473-1543)



Galileo Galilei (1564-1642)



Isaac Newton (1643-1727)

(viii) o saber e o não saber: as razões do cárcere. Se você chegou até aqui fica a minha severa recomendação para que desista agora. O que será narrado abaixo implica em um pesado ônus para aquele que adquire tal saber. Esta é a razão do cárcere. A perseguição é inevitável para todos aqueles que sabem aquilo que eles não deviam saber. Fica aqui o meu apelo. Porque eu não te desejo a prisão. Enquanto você pensa, eu penso também. O propósito deste meu esforço mental consiste no desenvolvimento de uma ferramenta para a fuga definitiva da boca-do-tatu. Há aqueles que acreditam que Copérnico, Galileu e Newton – nesta seqüência – foram desdobramentos de uma mesma Inteligência que habitou o planeta ao longo de três gerações – distintas e subseqüentes – deixando o seu legado de iluminação sobre as órbitas, os movimentos e as interações da dinâmica entre as esferas celestes. E por que não? Mas o que poucos sabem é que foi esta mesma Inteligência que no futuro desenvolveu um equipamento de transporte baseado na potencialização giroscópica do

nível subatômico da matéria. O alinhamento unívoco do eixo de spin de todos os elétrons que compõem o corpo – como forma de deslocamento. Este equipamento de transporte permite avançar e retroceder no espaço-tempo. E pode até te parecer estranho, mas prova disso é a existência dos discos voadores. Estou tentando construir um aqui no cárcere – usando alguns pedaços de pano, clipes e um garfo velho. Do que foram feitos os primeiros discos voadores? Acho que ainda vou levar algum tempo nisso. Abandone a leitura agora: última chance. A razão do cárcere tem o mesmo motivo pelos quais estes escritos alfarrábios foram interrompidos por dois dias – o leitor atento não me deixa mentir sozinho. Foi no crepúsculo do último milênio quando cientistas japoneses propuseram o conceito de gestão calcada na obliteração das palavras de ordem, que passam a ter um amplo espectro de sentidos (múltiplos) que o superior hierárquico tem a capacidade de manipular – para o bem coletivo da organização – no momento que lhe for providente. Tome como exemplo a palavra 'limpo' que pode ter, ou não, o mesmo significado de sua simples obliteração – 'impo'.

O superior hierárquico passa em vistoria a uma máquina voadora.



Obs: nesta foto, o bigode aparece em posição não usual.

Mas a mola mestra do sucesso deste novo cenário organizacional consiste na aplicação sistemática do método de 'frozen engineering'. A teoria do 'frozen engineer' foi contribuição original dos cientistas russos, desenvolvida nas geleiras da Sibéria ao longo dos anos da Guerra Fria. A idéia consiste em manter o compasso da oferta de mão de obra com as necessidades da demanda de trabalho. Assim, quando há queda na carga de trabalho, ocorre o congelamento do elemento humano – e vice-versa. Os grandes baús frigoríficos e os pequenos caixões de madeira para o armazenamento dos 'frozen' já fazem parte do cotidiano das modernas plantas industriais. Acontece que o trabalhador permanece alheio a esta sua sina. O processo de congelamento por sublimação transforma a memória gasosa num bloco estático em questão de pico-segundos [10^{-12}s]. Daí a suspensão temporária do pensamento. Os engenheiros não precisam receber salário enquanto estão 'frozen' – também não gozam do direito às férias, ao décimo terceiro salário ou da participação nos lucros. No fim das contas – de tão malas que são – nem as próprias famílias dão falta dos engenheiros. Ninguém percebe quando é (ou foi) 'frozen' e apenas uma pequena cúpula da hierarquia sabe destas manobras escusas – e extremamente lucrativas. O saber é guardado a sete chaves por uma sociedade fechada – que por vezes lembra à Maçonaria. Só quando o processo de sublimação não é de efeito instantâneo – por não conformidade do processo – é que pode haver resíduo na memória. Isto aconteceu comigo. E fiquei sabendo. Mas se alguém sabe, a hierarquia fica sabendo que se sabe. E este alguém deve ser recolhido ao cárcere da boca-do-tatu. É mister manter o segredo – daquilo que poderia ser o estopim para uma nova revolução industrial. Melhor não saber daquilo que você sabe. E agora não tem volta. Simples como os olhos de uma boneca, que se fecham quando ela é colocada para dormir. Boa noite.

(ix) a concepção estrutural do disco voador (ou lapis lazuli). A Equação (1) descreve o *loft* – ou superfície externa – do

disco voador. O raio de minha máquina voadora é R = 400mm (mas este pode ser variável; dependendo do MTOW desejado; MTOW = *maximum take off weight*). Os ângulos θx e θy – respectivamente, da revolução em torno dos eixos x e y – podem assumir os valores contínuos de $0^o \leq \theta \leq 360^o$.

$$\begin{aligned} x &= R \cos(\theta_x - 90^o)\cos(\theta_y) \\ y &= R \cos(\theta_x) \cos(\theta_y) \\ z &= \frac{R}{4} \cos(\theta_x) \sin(\theta_y) \end{aligned} \qquad (1)$$

A estrutura do disco é composta de dois conjuntos de cavernas dispostos num arranjo perpendicular alinhado com os eixos x-y – de forma a garantir a estabilidade estrutural da máquina voadora. Cada um destes conjuntos consiste num total de onze cavernas – definidas pela Equação do *loft* nas seguintes posições discretas: $\theta_1 = 0.0^0$, $\theta_2 = \pm 15.0^0$, $\theta_3 = \pm 30.0^0$, $\theta_4 = \pm 45.0^0$, $\theta_5 = \pm 60.0^0$, $\theta_6 = \pm 75.0^0$. A Figura (1), abaixo, apresenta a disposição destas cavernas alinhadas paralelamente ao eixo x do disco voador. E, nesta mesma Figura (1), as posições onde serão montadas as cavernas perpendiculares ao eixo x da máquina voadora são indicadas pelos pequenos quadrados. Têm-se, então, um montante total de 22 cavernas – ou dois times de futebol – que caracterizam o esqueleto, ou chassis, do disco.

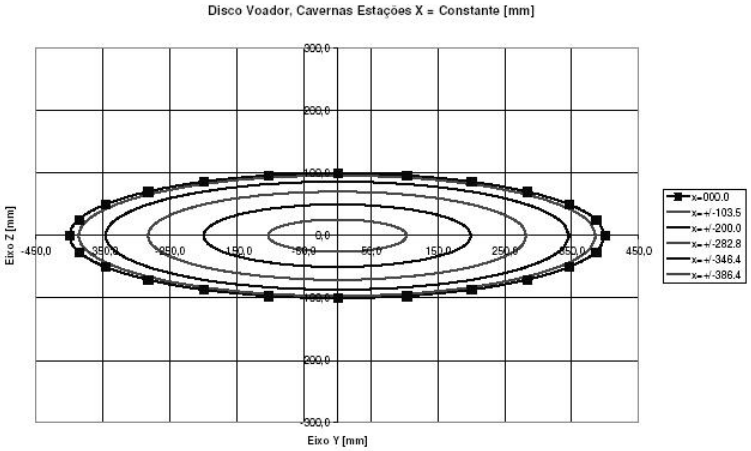
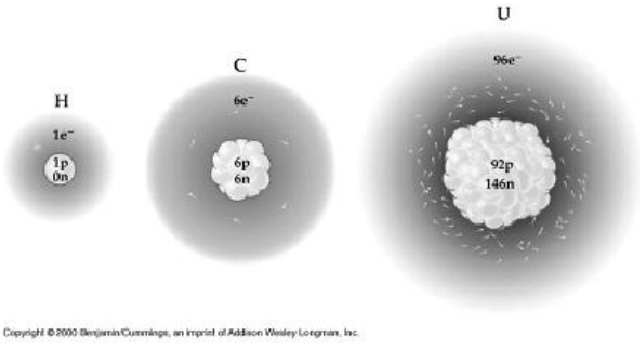


Figura 1 – Disposição das Cavernas na Máquina Voadora

"The Lapis Philosophorum is a legendary substance, supposedly capable of turning inexpensive metals into Gold; it was also sometimes believed to bring people the Eternal Youth. In the view of Spiritual Alchemy, making the Philosopher's Stone would bring Enlightenment upon the Maker and conclude the Great Work."

Lembro que ontem à noite assisti ao filme "Árido Movie" de Lírio Ferreira no Canal Brasil. Zé Elétrico ou Meu Velho – quem está com a razão? Isto me fez atentar para muita coisa. Mas preciso mesmo é me concentrar mais naquilo que estou fazendo. O equipamento de transporte. Este meu primeiro protótipo encontra-se praticamente concluído. As cavernas do disco têm como matéria-prima os garfos velhos que, dia após dia, fui colecionando ao longo de refeições sucessivas aqui na prisão dormitório. Já ouvi boatos de que estão atrás de algum safardana que anda subtraindo os talheres do refeitório. Outro dia fui abordado durante a refeição: "Você sabe me dizer se viu alguém levando garfos daqui deste recinto?". Como não sei mentir, tive que apelar para uma linguagem metafórica: "Você quer

dizer componentes de discos voadores?". Ao que o serviçal respondeu com um sorriso no rosto e uma pitada de ironia: "Essa foi boa! Deixa pra lá; um imbecil como você não seria capaz deste tipo de coisa". Foi por pouco. Os garfos – como muitos sabem – são talheres metálicos que apresentam extremidades distintas: uma usada para o manuseio e a outra, apresentando quatro dentes, para o transporte de pequenas porções de alimento do prato à boca. Podem também ter a serventia de elementos que se encaixam longitudinalmente e são suficientemente maleáveis para a composição do formato elíptico das cavernas do meu disco. Para o arranjo e a fixação dos dois conjuntos perpendiculares de onze cavernas eu usei clipes comuns de escritório – ou *shear clips* – que tem também esta propriedade – além daquela de manter solidárias as folhas soltas de papel. O meu equipamento de transporte é revestido externamente pelas cortinas da janela de minha prisão dormitório em forma de prisma.



Copyright © 2000 Benjamin/Cummings, an imprint of Addison Wesley Longman, Inc.

Mas foi o sistema de potencialização giroscópica da máquina voadora que me deu mais trabalho. O eixo de spin é a direção z do sistema referencial do equipamento de transporte – conforme descrito na Figura (1). Dois lápis foram alinhados ao longo do eixo z; com as suas afiadíssimas pontas de grafite opostas; e mantendo o contato exatamente na posição x = 0.0mm, y = 0.0mm e z = 0.0mm; o centro de

gravidade do disco voador. Penso que, através da potencialização giroscópica do nível subatômico da matéria, dar-se-á o alinhamento de todas as partículas da máquina voadora com relação ao eixo z de spin – possibilitando o deslocamento para além dos domínios deste cárcere. Levei horas na afiação cuidadosa das pontas de grafite dos lápis – posto que o carbono é elemento químico essencial para o processo. O carbono – de símbolo C; é composto por seis prótons, seis nêutrons e seis elétrons; 666 – é um elemento notável por várias razões: Suas múltiplas formas alotrópicas incluem desde uma das substâncias mais reles e frágeis – a grafite, amorfa – até uma das substâncias mais duras e preciosas – o diamante, cristalino – da natureza. É o pilar da química orgânica, e parte integrante de todos os seres animados. Além disso: Apresenta uma grande afinidade para combinar-se quimicamente com outros átomos pequenos, incluindo outros átomos de carbono, o que possibilita a sua organização em enormes cadeias moleculares. Finalmente, o aparato de ignição consiste de alguns chumaços de Bombril que envolvem as pontas dos lápis. Estes serão embebidos em álcool pouco antes do lançamento. E será ateado fogo no instante final da contagem regressiva. Espero que nesta noite dê tudo certo. Uma vez iniciado o processo, não há como interrompê-lo – dada a sua natureza irreversível.

(x) the dragon swallowing its own tail. Se você me permite – e ainda que não – iniciarei a narrativa de hoje rememorando, do final da tarde de ontem, alguns momentos que me foram bastante significativos. Depois de mais um dia extenuante de trabalhos forçados sou deixado na prisão dormitório em forma de prisma. A ansiedade é grande. Dentro de poucas horas, partirei para uma longa viagem, levado pelo equipamento de transporte que venho desenvolvendo há dias. Boto camiseta, tênis, bermuda e parto para uma corrida pelas cercanias. O céu limpo do azul verdadeiro. O sol pouco acima da linha do horizonte. E abaixo dela, o vale de um verde que transcende a esperança para vir a ser a completa teimosia da existência. A atividade física intensa libera as endorfinas pelas minhas artérias. Viaja junto às

hemoglobinas, ligadas ao oxigênio, através de múltiplas ramificações dos meus órgãos. Por fim, vêm saturar a massa amorfa e pensante de um leve torpor. De repente, a estrada Geraldo Biral me aparece como oportunidade única de fuga pelos meus próprios meios – minhas pernas e os meus pés. Aperto o passo. Uma curva para lá, outra para cá, às encostas do planalto. É quando me deparo com a visão etérea e inesperada do morro de Sathya Sai Baba. A desilusão é um pesado fardo que carrego nos meus ombros. Uma hora e dois minutos depois estou de volta à prisão dormitório em forma de prisma. Todos os caminhos da boca-do-tatu terminam nela mesma. Como uma cobra a devorar o seu próprio rabo. A boca-do-tatu é bastante e o suficiente – capital e interior dela mesma. Pode ser tudo ao mesmo tempo em que não é nada. Tomo um banho e me encontro com alguns companheiros do cárcere para uma pizza. Eles parecem estranhar o sorriso implícito no canto de minha boca. Esta será para eles apenas mais uma noite que acabará em pizza – não para mim. Checo o relógio ao adentrar minha cela na prisão dormitório em forma de prisma. São exatamente 22h22m. Preparo então o disco voador para o lançamento. Entro dentro dele. Embebo os chumaços de Bombril do aparato de ignição com golfadas generosas de álcool. Inicio a contagem regressiva: x, ix, viii, vii, vi, v, iv, iii, ii, i, fogo! Ouço o estranho crepitar, como que aquele dos gravetos finos ateados numa lareira. E então uma grande explosão. Desperto de alguns momentos de inconsciência com os gritos de toda uma corporação da brigada de incêndio. É grande a claridade. Labaredas por todos os lados. Por um instante me imagino como que criatura liberta das catacumbas da boca-do-tatu. O fogo queima o meu corpo. Mas a dor física é irrelevante frente à restrição da liberdade imposta pelo claustro nas terras de *ouroboros*. Entretanto, só quando os bombeiros arrebentam a porta a machadadas é que percebo, de fato, a minha triste condição. Por algum motivo (que ainda desconheço) houve uma falha catastrófica no meu mecanismo de transporte. A cama, os armários e minhas roupas – toda a minha cela – foram consumidos pelas chamas liberadas

de forte explosão que se deu imediatamente após a ignição do disco voador. Fato é que escapei com vida – não sei dizer se isto é bom ou se é ruim. Este episódio certamente aumenta ainda mais o meu ônus. E prolongará a minha pena. Boa parte do meu corpo apresenta agora as feridas das queimaduras sofridas. Vim depois me aperceber que, o estranho crepitar ouvido pouco antes de eu perder a consciência, era na verdade o som de meu cavanhaque se desvanecendo em cinzas. E é dele que eu sinto mais falta. Quando penso, e levo a mão canhota de encontro ao queixo, toco sua protuberância imberbe que me agride. Por vezes perco a linha de raciocínio. Conseqüentemente, minhas faculdades mentais encontram-se seriamente comprometidas. Pouco me resta do quase nada que eu tinha.

antes que
pouse por detrás dos morros
e das serras na boca-do-tatu
o vento insano
despe de todos os nossos pudores
para a pureza de uma noite escura
ela permite que a toque
apenas as estrelas de luz
noite de lua crescente
o verde que te agride já foi deitar
por entre as frestas do vale imaginário
o universo numa corda bamba
cada qual tem o seu jeito de enxergar
é da personalidade do cara
deixa ele em paz

(xi) como não chegar aqui: a história dela mesma. Hoje inicio a parte mais complexa destes escritos alfarrábios. Tenho a consciência de que não será nada fácil descrever com necessária clareza as

razões deste meu esforço narrativo. Peço a você leitor – que chegou até aqui – que tenha a paciência e saiba perdoar-me caso eu venha a falhar – novamente! – neste meu intento. Já há alguns dias – logo após o episódio da falha catastrófica do mecanismo de transporte; e enquanto as feridas ainda ardiam vivas à flor de minha pele – cheguei à triste conclusão de que não há retorno da boca-do-tatu. Vim parar aqui, onde permanecerei para todo o sempre – ou pelo menos, até o final amargo desta minha existência sobre o planeta. (E quem sabe qual o destino do ser humano após a morte?) Bem, percebi então que todo este meu empenho na fuga do cárcere de boca-do-tatu não passou de um dispêndio vão de minhas parcas energias. Mas, se minha sina é mesmo esta de orbitar as cercanias da terra de *ouroboros* – a *circumambulation* de Jung – o que me resta? Por que não canalizar as minhas forças para fora destes domínios? Por que não tentar alertar àqueles que aqui não habitam dos perigos e das angústias deste mundo? Quiçá, transmitir um pouco desta minha experiência – como forma de que outros seres humanos não venham a cometer erros semelhantes àqueles os quais cometi – para que não corram os riscos de serem recolhidos ao cárcere na boca-do-tatu. Planejei, então, meticulosamente a edição destes diários do prisioneiro. Estes seriam administrados na forma de pílulas diárias às criaturas pelas quais tenho grande apreço e afeição. "Enquanto inicio a grafia destes pensamentos, me assombro ao imaginar que os simples movimentos repetitivos de minha mão canhota são permeados por ondas de alta freqüência, que são aquelas devidas às sinapses de alguns neurônios – que ainda me restam". Muitos jamais leram – ou sequer lerão – estes escritos alfarrábios – ainda que estes lhes tenham sido enviados por correspondência cibernética diária. "Outros, mais modernos, já sabem isto tudo de cor. As cabeças estão para nós, os humanos, assim como os feromônios para as abelhas, ou os bigodes dos gatos". Outros, entretanto, responderam-me com mensagens de conforto e motivação. Estas correspondências – oriundas do universo exterior – tocaram-me

profundamente e foram extremamente reconfortantes para minha alma. Cabe deixar registrado os meus mais sinceros agradecimentos a vocês. "Vim para o cárcere em regime semi-aberto devido à sucessão dos erros passados que cometi. Estes eventos reverberam para frente e para trás no tempo, causando os desdobramentos que aqui me cabem narrar". Daqui de minha cela na prisão dormitório em forma de prisma, posso até imaginar as discussões acaloradas sobre estes textos malditos que habitam as rodas de pensadores nos cafés da discórdia que permeiam o universo afora. Esta é a história dela mesma. Seu objetivo é aquele de orientá-lo como não chegar aqui.

(xii) os segredos da alquimia. Sinto desapontá-los logo à chegada do epílogo destes escritos alfarrábios. Mas não sou portador deste Saber – se fosse, não haveria a razão para eu habitar este planeta, tão distante do Sol. E se você busca o conhecimento da arte da transmutação de reles metais em ouro – para a redução do ciclo de manufatura das máquinas voadoras, para a garantia do atingimento de metas ou para o simples aumento de tua fatia da participação



Nota do Autor: Este texto é dedicado ao Mestre Fernando Iguti

nos lucros e nos resultados – perdeu o seu precioso tempo. Porque o verdadeiro segredo da alquimia está na anti-matéria de tudo aquilo que é o objeto de ação do superior hierárquico. Mas algumas coisas têm ajudado a aumentar minha tolerância a esta condição insustentável aqui na cela da prisão dormitório em forma de prisma. E acho que posso passar as receitas de alguns destes medicamentos paliativos. Um abraço gostoso e apertado. A arte da transformação das lágrimas num sorriso implícito no canto de tua boca. O método da regressão mental para as brincadeiras de uma criança. O exercício diário da liberdade de teu pensamento. Dizer sempre – ou escrever, quando distante – "eu te amo" a quem você gosta. A dor é grande. As chuvas de verão e o calor tropical saturam o reino vegetal de um verde insuportável. Existem formas de tortura ortodoxas e surpreendentemente cruéis. Ainda assim, e apesar de tamanha contrariedade, a vida aqui vale a pena. Por fim, eu desejo a vocês que não sigam os meus passos para dentro da boca-do-tatu.

Cobrir a cova

Jorge sofria da claridade exageradamente verde. Nas vizinhanças a mata era dominante. O cerrado tropical sul-americano. Antonio escalou o monte de pedra. Tinha no topo duas árvores de copas frondosas. Tipo a cabeleira do Jimi Hendrix. Em cima havia um tronco largo que era cortado. Deixava à vista as marcas concêntricas da seção; que por isso era usada de mesa. Diogo subiu na seqüência. Conforme tinha sido acordado previamente entre eles. Este último trazia a questão ainda aberta. Antonio preparou o cigarro a partir de um naco de fumo de rolo; que ele picou usando seu canivete. Diogo imaginava que o sol continuaria assim. Jorge tinha certeza disso. Os quatro conversavam sobre o assunto. Antonio tirou a palha do bolso; passou a língua na extremidade; enrolou o cigarro. Jacinto discorreu pausadamente sobre o ocorrido. Disse ser parte da natureza de coisas que não se pode evitar. Diogo ficou mais ao fundo. Tragava forte e trazia a fumaça no peito. Jorge só ouvindo. O desentendimento com o cara no bar. Eles pegaram as pás e começaram a cavar em silêncio; aproveitando a brisa. Antonio pressentia que ora ou outra isso tinha mesmo de acontecer. Mas guardava a todo custo certa ilusão de que não. Agora estava ali com eles. Pedro tinha levado uma punhalada pelas costas. Porém, a que o matou tinha sido desferida à queima-roupa; de cima para baixo; com a força da canhota de Jacinto; penetrado pela base do pescoço. Tudo por causa de uma discussão sobre aquilo que o Gordo fez ao Palmeiras. Às vezes você pensa nas estrelas. Mas a tarde é de um verde desolador. Jorge perdido nos seus devaneios. Deixa cada corpo sem vida à medida do seu jazigo; para habitar sete palmos abaixo da cabeleira dele. A hora do crepúsculo é triste para quem fica. Siga a intuição dos felinos. É preciso cobrir a cova com cuidado.

Gato através do vidro

Observa atentamente o semblante animal distorcido.
Seus bigodes saltaram há tempos da face.
Intento de abraçar o etéreo com a extremidade fina;
característica dos filamentos suicidas.
As orelhas antenadas aos ouvidos
do espectro de freqüências submersas;
embora inconscientes de todo o universo paralelo.
Ante este pesadelo dos sentidos,
deixa-se iludir que é apenas Você que o examina.
Não o gato que te vê.
Mas no âmago de seu ser habita a certeza
que a paz já te deixou.
E isto é muito mais grave que deixar a paz.
Viaja agora pelo fluido como peixe miserável;
com suas guelras; com seus olhos redondos.
A boca alevina que devora eterna
a fome insaciável da vida aquática que te resta.
O tempo sob quatro garras afiadas;
com o mesmo fio da lâmina de uma adaga.
Tem pena do felino preguiçoso.
Preso para sempre do lado de fora do aquário.
Maldita a gravidade que não o permite flutuar.

Jorge encontrou Diogo no cercado; aos fundos do casebre. Estava agachado de cócoras. Jogava quirela aos galos, galinhas e frangos. Jorge imaginava os pensamentos dele como um emaranhado de estranhas idéias. Quimera do fazer-se útil num mundo que não lhe pertencia. Peça perdida do quebra-cabeça dum outro jogo. Ou coisa que o valha. Carvão em mina de diamantes (de nada presta). Diogo acenou e esboçou aquele seu sorriso impossível; inviável; inconcebível. O esforço incomensurável de sua existência era perceptível até às ervas daninhas. Fazia elas se curvarem com maior intensidade que o próprio sol do meio-dia.

Seguiram os dois juntos para o boteco. Calados. Diogo rememorava as queixas da mulher antes dela partir. Disse que ele era um imprestável; um vagabundo. Não despendia cuidado ou atenção aos filhos. Passava os dias deitado no velho sofá; dormindo; enquanto o mundo lá fora às trezentos e sessenta e cinco revoluções por ano. Talvez fosse apenas falta de sincronismo. Um outro ritmo ou freqüência soprava nele. Mais lento. Fato é que enquanto ele dormia (com seu bigode suado – a mulher o lembrava sempre do detalhe inútil) todo aquele jogo cósmico se enchia de significados. Em seus sonhos as paisagens singelas do interior adquiriam um colorido resplandecente; rico em nuances de tons; ele discutia assuntos de grande relevância com criaturas muitíssimo evoluídas. Vez ou outra ele levava alguma preocupação do pessoal da comunidade ao conhecimento deles. Era para ele, Diogo, a quem encaminhavam as respostas. Mas ele acordava sempre aos cascudos e berros da mulher. Mesmo agora que isso já não acontecia, ele de nada recordava. Como uma experiência dos sentidos; que não se pode traduzir por palavras. Restava o bigode suado. Os problemas da vila – mesmo aqueles mais graves – resolviam-se pelo próprio intento dos homens.

Diogo cumprimentou Antonio que estava por detrás do balcão da bodega. Servia a aguardente e a cerveja aos poucos fregueses; ao

mesmo tempo em que preparava os saborosos tira-gostos do dia: ovos empanados, salsichas e torresmos. Clayton e Dagoberto já esperavam por eles à mesa. Doutor Clayton era o médico da vila há tempos. Vindo da cidade grande, foi lá que ele fez clientela e fixou sua morada. Era conhecido; respeitado; às vezes até benevolente com os mais humildes. Apesar da pobreza da comunidade, ele se endinheirou. Era alvo das meninas assim que se faziam mulheres. Viam nele a possibilidade da realização do sonho de emprenhar; garantir o sustento de uma prole próspera e saudável. Mas Doutor Clayton era esperto. Dizia apreciar mais o treinamento para a concepção que a própria realização. Solteiro. Ajudou muitas mulheres na hora do parto; foi padrinho de outros tantos casamentos; dentre outras coisinhas mais.

Sentaram-se Jorge e Diogo em lados opostos da mesma mesa. Clayton e Dagoberto na perpendicular; também cara a cara. Diogo sabia muito bem o significado disso. Jorge tomou o baralho; passou a manusear as cartas lentamente; embaralhando elas todas; enquanto Dagoberto servia a cada um dos homens um copo americano da cerveja bem gelada. Clayton fitou Diogo e sentiu extrema piedade daquele homem de meia idade; magro; a pele num estado lamentável; castigada pelo sol; franzino; frágil; um sopro faria desmoronar todos os seus ossos. Ele parecia sempre ausente. Como se tivesse viajado para dentro. Como uma pedra.

Diogo se lembrava, mentalmente, dos belos discursos de Dagoberto (e como seria bom se tivesse, ele mesmo, um único dom). Dagoberto era vereador; liderança da vila. Sua voz soava forte e clara; tinha a capacidade de inflamar as massas por uma causa qualquer que ele julgasse relevante. Aglutinava as pessoas. Não era bom nem mau. Nunca conseguia levar adiante seus projetos; mas isso não era mesmo coisa de político; a culpa era da verba curta ou dos funcionários preguiçosos; principalmente daqueles que ganhavam o salário mínimo e comiam da marmita às dez e meia da manhã; vê lá se isso são horas de almoçar – ria-se o corpulento Dagoberto.

Clayton cortou o baralho e Jorge distribuiu três cartas para cada um dos homens. Jogavam truco e bebiam cerveja – diversão predileta dos boçais. Diogo havia sido chamado porque era nada. Morava perto; e Jorge precisava de um parceiro. Eles jogavam magnificamente bem. Sabiam a hora de blefar e tirar um ponto impossível dos rivais. Dominavam a arte da dissimulação; faziam os adversários acreditarem que podiam trucar com um mísero rei na última mão. Como sempre, ganhavam uma ou duas partidas; depois deixavam Dagoberto e Clayton levarem outras três. Ele não entendia; mas isso era coisa de Jorge; que Antonio compreendia e apoiava. Dizia que devia ser assim; para o bem deles todos. Enfim, seu lugar no espaço era aquele dos derrotados.

Diogo tinha lá seus segredos. Ele podia encher a mão de areia e deixá-la vazar por entre os seus dedos por uma tarde inteira. Acompanhava cada grão da areia com o olhar tão ínfimo e desprezível dele próprio; em cada um deles percebia o brilho refletido do sol; espécie de caleidoscópio em formato de cachoeira. Noutro extremo, podia fazer a areia vazar rápida; de forma que os grãos separados se fizessem imperceptíveis; como o fluxo de um líquido. Ele tinha capacidade de acelerar ou retardar o tempo. Mas é certo que Diogo não sabia se era fato; ou apenas mais uma confusão imputada de sua própria condição.

Diogo era um homem pequeno. Simplório. Calejado. Abandonado na crosta terrestre. Deslocado da escória do ser humano. Ele crescia para dentro. Há tanto tempo que dentro dele habitava um gigante.

Não vale a pena explicar.

Sabe-se lá se é possível estabelecer uma linha de raciocínio sobre esta natureza de coisas. Existe uma dada casta dos filósofos e pensadores que admite mesmo a total impossibilidade da comunicação de certas experiências subjetivas através dos veículos da linguagem – seja por meio da escrita ou da fala. Receio que esta definição se enquadre numa destas herméticas exceções. Ainda assim, o esforço não será vão. Preciso organizar minhas próprias impressões; e é provável que a descrição auxilie neste sentido. Mas é difícil.

Creio que Você não entenderia sobre lamparinas que apagam e acendem sozinhas. Ou será esta afinal a artimanha dos vaga-lumes? São caóticos os faróis que apontam o caminho. Não guardo os mapas corroídos pelo tempo. Todas outras embarcações levam aos flagelos do corpo, para a salvação da alma. Mas a quem é que interessa postergar o prazer das graças terrenas frente àquilo que há de ser mera promessa doutra vida? Apenas por caridade ou burrice é que a criatura move o garfo em direção à boca do semelhante.

Você prefere acreditar no fracasso das caravelas que desafiam a vida contra as adversidades de todo o oceano da existência. Mas prefiro o naufrágio certo da tentativa absurda de seguir viagem a despeito das correntes. A terra firme é morada das pedras e de toda a sorte dos seres que já pereceram. Sequer aos vegetais ela agrada tanto quanto a água das chuvas. Que atrativos teria então aos peixes?

Basta-me o subir e descer das marés para a arte da espreita de horizontes que delimitam outras moradas. Rumo à experiência. Isto é tudo que carrego no baú vazio dos sonhos. Combustível que serve à nau de velhos lobos do mar.

Geraldo. Ele sabe como deixar uma mulher fora de si. E sua arte reside na improvisação de um repertório infinito; fractal; que ele constrói e desconstrói aos movimentos de língua. Às vezes quer me encontrar às mordidas. Meu pescoço mascado tal cana-de-açúcar. Outrora seus pêlos do rosto; barba sempre por fazer; passam rente às minhas costas; desde minhas nádegas até o céu da minha nuca; sem sequer as tocar por um único instante; num sobrevôo rasante; mínimo; que faz do meu corpo todo arrepio. Os meus seios ele aperta com as mãos cheias de dor. Depois os consola; acaricia com o bálsamo suave que guarda a sua saliva. Abre as minhas coxas e beija profundo o gineceu; a garganta do meu ventre. Chupa meu grelo como um alienígena (ou um tamanduá). E assim é que ele me deixa toda escorregadia. Geraldo morde, mastiga e rumina todo o meu corpo sem a piedade de um boi. Depois brinca com a sua espada dentro de mim. Ora ritmado; uma dança. Depois rápido; bruto; profundo. Ou-tra vez de-va-gar; en-tran-do e sa-in-do da fres-ta. Ele me parte ao meio. Por fim, me descarrega um raio; um relâmpago; toda uma tempestade dos sentidos que vem sei-lá-eu-de-onde. Diz Marta para Mãe Regina.

Mãe Regina. Cresceu da terra desde muito cedo; desde criança. Na vida ela ganhou; e perdeu muito também. Aprendeu com a experiência, com as quelóides, com as rugas e com as sardas que o tempo segue adiante; que os cabelos caem; que a dentadura deve dormir num copo com água, do lado da cama, para não ser pega de surpresa. Aprendeu a ler nas estrelas, nas fases da lua, numas pedrinhas pequenas, nalguns ramos de arruda, num baralho velho e sebento, numa meia dúzia de prendedores de cabelo que podem cair virados pra cá ou pra lá – que isso tudo já é mais do que o suficiente. Mas então, Minha Filha, qual é o problema?

Marta. O problema é que o pau dele tem a forma de um ponto de interrogação. Destes bem grandes. Ele fica preso dentro de mim. Não é assim no sentido literal. É no sentido das idéias. Eu só penso nele; no Geraldo. Mas não sei se ele pensa em mim. A Senhora me entende, Mãe Regina? Tenho medo de descobrir que ele brinca com as outras meninas.

Mãe Regina passa os olhos de baixo à cima em Marta. Mulher de vinte e dois anos. Pés bonitos. Pernas lisas; fortes; coxas grossas. Um traseiro empinado. Os peitos no tamanho certo. Destes que ficam eriçados à toa; por uma simples brisa; capaz de deixar os homens todos enfeitiçados num raio de cento e tantos metros. Os lábios vermelhos e suculentos; bochechas rosadas; olhar vívido e penetrante. Longo cabelo castanho e encaracolado. Mãe Regina faz uma conta rápida para avaliar qual a quantidade absurda de feromônios habitaria o corpo daquela jovem; analogia que ela aprendeu com um amante apicultor; acostumado a comparar mulheres às abelhas.

Joga uns badulaques em cima da mesa. Bate os olhos nas coisinhas espalhadas. Faz cara de concentrada; só pra passar impressão de pensativa. O homem é seu, Minha Filha, não tem de se preocupar.

Mas, Mãe Regina, e o peito espremido das inseguranças? As dúvidas todas por dentro?

Entendi. Minha Filha quer um trabalho que dê mais segurança. A coisa certa; arrumada pelo demo. Mas isso é mais caro, Minha Filha. O dobro do preço da consulta. Minha Filha precisa saber que homem desse não tinha no meu tempo. Tinha muito homem que parecia outro tipo de sinal de pontuação. Já vi muito ponto de exclamação. Desses que pega a gente de surpresa; vai direto à coisa. Mas depois logo acaba e ponto. Daí pra ponto e vírgula é um pulinho. E tem o mais velho que fica só no lambe-lambe; confunde as bolas: acha que dedo é de meter e pau é pra fazer carinho. Se eu fosse Minha Filha, deixava as coisas como vão; a dúvida bem lá dentro. Mas Minha Filha é quem sabe.

Eu tenho o dinheiro, Mãe Regina.

Minha Filha é quem sabe. Tem de esperar a lua cheia. Minha Filha tem de botar o homem doido; na secura. Fica só de calcinha; mas não deixa ele avançar no brinquedo. Faz ele esfregar toda a dúvida na calcinha; até espumar. Daí tira a calcinha; põe ela pra cozinhar junto com um frango e quiabo. Minha Filha sabe cozinhar? Tem de fazer o melhor prato que Minha Filha conseguir; bem temperado, por que é assim que o travesso gosta; mas lembra de não por pimenta. Daí Minha Filha deixa à noite no cruzamento; sobre uma toalha nova; deixa três pratos arrumados; decora com vela. Deixa também vinho e as taças pro tinhoso, que ele gosta.

Antonio, Jacinto e Jorge. Seguem calados pela estrada de terra batida; perto das dez da noite; indo pro bar.

O que é aquela luz ali no canto?

Vamos lá ver.

É comida boa e bebida.

Hoje eu me farto!

Geraldo. É noite de lua cheia. Geraldo parece agitado. Chegou mais cedo no bar e tomou uns tragos. Aguarda Antonio, Jorge e Jacinto pra sinuca de sábado. Eles estão demorando. Geraldo pede mais uma branquinha. Não deixa nada pro santo.

O jogo é de duplas: Antonio e Jacinto contra Jorge e Geraldo. Jorge e Geraldo ganham a primeira partida. Geraldo fica provocando os outros dois.

Jacinto. Eu aposto o pinto que Vocês vão perder no final!

Jorge. Eu não brinco com essas coisas.

Geraldo. Eu é que não vou perder pra nenhum desses bostas. Está apostado!

Antonio. (Segurando o pinto de Geraldo) Que pau grande!

Jacinto. Passa o facão rente ao corpo: arranca o pinto com o saco e os bagos. Bêbado; segura a cobra pela cabeça; gira ela no ar com a mão direita; dá uma gargalhada insana; que não pertence a esse mundo; arremessa longe; bem no meio do rio.

Geraldo sangrou sete dias, depois cessou – pareciam as regras de uma mulher. Aquilo o deixou pálido; emagreceu. Quando recuperou as forças, arrumou suas trouxas e deixou a cidade.

Marta. Eu fiz como a Senhora mandou. Mas acho que alguma coisa saiu errada, Mãe Regina. Já faz duas semanas que o Geraldo não aparece.

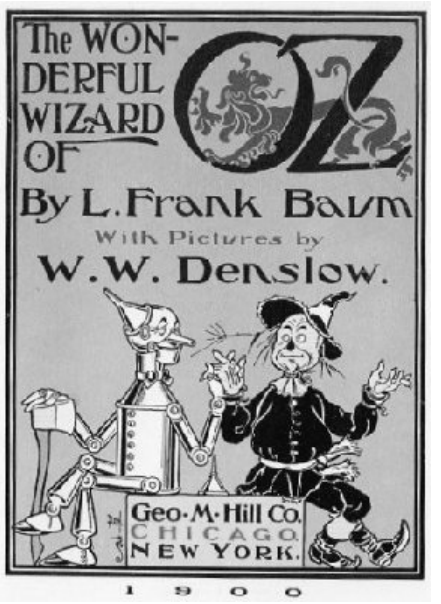
Mãe Regina. Minha Filha cozinha com pimenta?

Marta. Cozinho, Mãe Regina.

Mãe Regina. Meu São Jorge!

garrafa de Smirnoff e Gudang Garam mentolado
entra em casa cheio de si
prepara um cuba libre de improviso:
meia parte de coca zero, meia parte de vodca
parcos cubos de gelo
até a boca do copo de requeijão
acende o cigarro
procura pelo cd do Accept nas caixas da dispensa
onde reminiscências encontram-se acondicionadas
(para sua saúde mental)
não entende a lógica da transportadora para as embalagens
de seis meses atrás
amaldiçoa uma meia dúzia de criaturas
(brinca de deus)
dá de cara
meio que sem querer
com o volume da Análise dos Sonhos
que já dava por perdido
mas esta hora isso não faz o menor sentido
traga longamente o Gudang Garam
desfaz-se em cinzas
(como sua própria vida)
nenhum som que o agrade
o equipamento de vinil não está preparado para tocar
descarta do baralho suas melhores opções
como única escolha viável
o black álbum do Metallica salta aos olhos
mais um aperitivo nos mesmos moldes
mais um Gudang Garam
uma e meia do dia de amanhã

sete e trinta em ponto
têm de atender certa autoridade de nome Machado
(ou xará de outro escritor da língua portuguesa)
??? (de Queiroz)
com o qual já teve desavenças no trabalho
cai em si
a miséria humana é incomensurável
fim das expectativas de um super-herói
talhado a base da variedade das drogas lícitas:
o álcool e o fumo
a realidade é um pesado fardo que temos de suportar todos os dias
só então se dá contas de que Oz
não passa de um mágico de uma série de aventuras
apenas
"sleep with one eye open
gripping your pillow tight"



u m a s e q ü ê n c i a d e l e t r a s e s p a ç a d a s
p e r n a s d e g r i l o s
u n h a s d e l a g a r t i x a s
outodasaspalavrasescritasjuntas
línguasdemorcegos
folhasdaárvorequedámelancias
si-bas-la-em-ra-ba-das-lha
nis-de-pê-for-gas-mi
los-qui-de-sas-de-a-bé-lu-li-las
palavras seguidas
entre linhas trocadas
pra não haver dúvida do fogo brando
levar ao ponto de preparo
num tacho de sal grosso
areado com bronze
fim-en
in-den-pen-te-de-da-fi-di-da-de-de-cul-ten-der-en
p r a s e a m a r i n f i n i t a m e n t e
nãoháreceitamelhor
que-ma-u-a-bo-do-se-de
c o m p r e e n s ã o e c a r i n h o

Exegese

De Jorge Xerxes & Nina Araújo

É favor,
não empregar o instinto
em tarefa menor, ó poeta!
Toma a obra do Criador
por inspiração,
donde todo o mais decorre.
Assim são as nuvens,
pictogramas excelsos
dos céus.
Haverá, ó poeta,
gozo maior que a gênese?

Ah, Monalisa...
Que mal te sorriu?
Foi gemido disfarçado,
ou o braço assaz,
cansado,
dessa pose imóvel?
Há de vir o dia,
que te admirarão,
como de fato, és:
Enigmática vontade
das mãos calejadas
de simples pintor...

E tal o bálsamo
contra os terremotos da senda,
cada um de nós,
transmutado em felpa,
há de servir de veste

ao universo e às estrelas.
Há de fazer minguar
as tempestades de raios
que apartam almas gêmeas.
E há de contribuir
num único retalho;
mas todos juntos:
A infinita renda...

O FATOR "L"



Palavras-chave: *literatura, poesia, conto*

1. Introdução

"Muita vez eu caminho feliz e despreocupado pelas veredas asfálticas que compõem o teatro das grandes cidades."

O relógio cravava sete horas de um dia da semana. A única preocupação que habitava a mente de Francisco é a de que ele estava atrasado para o trabalho. Precisava tomar ainda mais um coletivo, coisa que não o incomodava, em absoluto. Exceto nesta situação específica, quando já dava por certo o comentário mordaz do chefe intransigente que o aguardava na repartição para o descarrego dissimulado de suas desilusões pessoais.

Observava com atenção e respeito às figuras postadas no mesmo ônibus. O meio de transporte super-lotado era rico em significados e simbolismos da natureza humana. Francisco considerava-se, a seu modo, espécie de catedrático no assunto – não tanto devido à formação intelectual, mas sobretudo pela experiência singular ao longo da trajetória de sua própria vida. Sempre haverá o velho com seu semblante murcho pela ação ininterrupta e degradante do tempo; cabeça levemente tombada para a direita; recostada na janela. O bebê que berra alto do colo da mãe a lhe sacolejar. Desde cedo já tem nítida a noção de que se encontra num veículo popular; que as roupas

esfarrapadas e úmidas de líquidos dejetos não dão conta de impedir a perda de calor de seu frágil corpo; enfim, que sua triste sina já está tecida às tramas do destino: ele será pobre e desprovido de oportunidades como os seus pais. Outro cara que se agarra com todas as suas forças num senso de identidade às esferas maiores da sociedade – um time de futebol, uma religião, um partido político, a compaixão por esta ou aquela tragédia presente no cardápio dos noticiários do dia, ou mesmo o logotipo na manga da camisa que lhe serve de vestimenta. O ônibus faz uma curva brusca à esquerda. Francisco se segura como pode no corrimão. A cabeça do velho tomba e ele desperta de um estado letárgico. Alguns adolescentes vestidos de preto e com mochilas pichadas nas costas bradam ao motorista: filho da puta!

2. Estado da Arte

"Agradeço ao bom deus as suas dádivas e as chances de progressão na carreira."

Logo ao adentrar o recinto do escritório, Francisco se apercebeu de uma atmosfera mais leve e diferenciada do ambiente, que (na cabeça dele) era indício de boas novas! O chefe não o submeteu ao interrogatório de costume e o poupou de qualquer outra variante do constrangimento. Há tempos sua conduta vinha sendo experimentada às mais diversas facetas do relacionamento humano; suas múltiplas atividades e habilidades o qualificavam perante o competente foro de recursos humanos como emergente potencial do desenvolvimento "L". Francisco guardava para si, mas reconhecia (humildemente) sua fabulosa capacidade. Esperava ansioso o dia do merecido reconhecimento, e a bem-vinda promoção.

Era por volta das nove horas da manhã quando o superior o chamou para um bate papo amigável na sua saleta. Francisco

observou a decoração sóbria, com tons quiçá soturnos, e ponderou sobre como a responsabilidade, em determinado grau, interfere na conduta e na postura humana. Pensou se, de fato, deveria ceder à tentação da ascensão hierárquica; avaliou os diferentes aspectos envolvidos (positivos e negativos): as implicações no relacionamento com os seus colegas de trabalho, com os amigos do futebol de sábado de manhã, e por fim (mas não em menor grau de importância) os impactos na família. Mas o chefe lhe apresentou uma longa lista de argumentos irrefutáveis, embasados por fatos e dados; estatísticas; desenhou um futuro brilhante em sua mente quando disse: Cara, você é "L", tenho certeza disso! Fazer o quê? Com tanta novidade em sua vida, Francisco se viu envolto por um afluxo de esperanças como nunca antes houvera resplandecido de sua existência reles.

3. Materiais e Métodos

"As novas experiências e as novas amizades são revigorantes para a elevação do espírito; imperativo para que este não se revista às so(m)bras do quotidiano."

À saída do escritório o superior o apresentou a dois homens de ar austero que estavam incumbidos de levá-lo ao seu novo posto de trabalho, noutra unidade da corporação. Eles seguiram os três numa condução bem mais adequada aos serviços e providências desta natureza. Era muito melhor que o transporte coletivo – ponderou Francisco. Os dois homens eram econômicos nas palavras, como exigiam os papéis que lhes foram atribuídos. Eram, a seu modo, cicerones a lhe apresentar as novas instalações, o seu novo escritório, as ferramentas de trabalho, o modus operandi e os seus colegas.

4. Desenvolvimento

O seu relógio marcava exatas onze horas da manhã. Francisco havia sido exposto a uma avalanche de informações e sentimentos naquela mesma manhã. Um terceiro colega da nova repartição saudou-lhe com as boas-vindas de praxe. Este, bem menos sisudo que os outros dois, se permitia um sorriso discreto que seria capaz de dissolver as mais graves contendas. Trocaram as frases básicas das pessoas que se iniciam mutuamente em atividade simbiótica. Ele lhe ofereceu a dose de um aperitivo que Francisco sorveu sem fazer cerimônia. Apesar das notas doces, pôde se aperceber de uma reminiscência acre. Francisco, a despeito de sua humilde ascendência, tinha desenvolvido um paladar refinado. Seus sentidos se expandiram; este pediu então para ser deixado a sós em seu cubículo, por um breve instante. Era chegado o momento de repousar, organizar as idéias, tomar o feitio do tempo a seu favor.

Eram treze horas quando veio um funcionário lhe chamar: o almoço seria servido. Francisco ocupava-se então de complexas atividades subjetivas que exigiam de exímia capacidade da concentração. Seguiram ambos os homens para o refeitório, que se situava próximo ao centro de um conjunto de edificações. Para o traslado, de um prédio a outro, caminharam através de trilhas por um jardim muito bem cuidado, arborizado, com um pequeno chafariz ao centro. Francisco observou que o líquido fluía de um pequeno orifício localizado à extremidade superior de uma pedra elíptica, a qual tinha a sua altura ligeiramente maior que o diâmetro transversal; a água límpida escorria sobre toda a superfície lisa da pedra (ligeiramente esverdeada pelo acúmulo de líquen); depois vinha a se acumular numa espécie de grande tigela cerâmica; fazia alusão a certo tipo de estrutura denominada lingam, que no hinduísmo é símbolo de adoração da divindade shiva e os seus vários desdobramentos.

Havia ainda muitos bancos, semelhantes a estes das praças públicas, onde alguns se refestelavam ao sol, noutros destes bancos as pessoas se envolviam em discussões interessantíssimas. Aparentemente aquele ambiente era propício às digressões intelectuais, aos exercícios da oratória, enfim, ao constante fluxo de elevadas idéias.

Após uma refeição frugal (é fato que, à primeira vista, Francisco julgou as porções da mistura um tanto quanto restritivas, tendo por base o padrão alimentar ao qual ele era experimentado; mas fica aqui o registro de que, com o passar dos dias, das semanas, dos meses, ele se adaptou bem), Francisco retornou para o espaço de conferências a céu aberto – visto que à tarde de outono era favorável a estas e outras práticas.

5. Resultados

"Imagine sua vida como um filme que será repetido infinitamente pela eternidade afora (algo como aquilo dito por Jim Morrison numa de suas performances ao vivo à frente da banda estadunidense The Doors). É bom se assegurar de que bons eventos estejam nela contidos; para a validade da experiência."

Assim se deram as coisas e Francisco terminou por consolidar laços de frutífera amizade com muitos de seus companheiros. O quotidiano é catalisador dessas relações interpessoais. Aparam-se as arestas. Faz do homem (ou da mulher, que seja) um ser humano melhor a cada dia. Contamos uns com os outros. E a vida segue adiante, devorando os vivos. As bactérias consomem a matéria orgânica, física, palpável. Mas restam as idéias, as realizações, estes laços são de fato mais duradouros – alguns dizem até eternos, mas não me ouso a tanto. Verdade é que o cadáver de hoje amanhã será húmus, posterior alimento aos vegetais, que se emaranham em complexa cadeia do ciclo

alimentar entre as espécies. E quem garante que você não almoçou hoje Napoleão Bonaparte (ou Marylin Monroe)? Se for Adolf Hitler, cuspa!

Antonio era o amigo gago que fazia às vezes de um mudo. Tinha vergonha de sua triste condição re-re-re-repetitiva. Se alguém que não fazia parte do círculo dos iniciados em "L" lhe perguntava alguma coisa, certamente ele não ousaria responder. E neste caso, se por ventura a imaginação do interlocutor o levasse a pensar que Antonio era surdo, este se zangava profundamente. E era fim de discussão. Apesar de tudo, Antonio era boa pessoa, tinha um bom coração e era querido por todos. Expressava-se à sua maneira, através dos gestos ou magníficos pictogramas, posto que não era letrado.

Dizem que Jacinto fora um dia escritor de exímio talento e reconhecido no meio literário, guardadas as devidas proporções. Um futuro promissor desenhara-se frente aos seus olhos. Mas reza a lenda que certa indisposição ocorrida há anos atrás com uma colega politicamente influente acabou por levar sua reputação à lona. Tratava-se do tal "incidente do laticínio putrefato", o qual ninguém sabia exatamente as causas. Era como uma dessas histórias sobre as quais se conhece apenas um único lado da moeda (ou a face negra da lua). Jacinto recusava-se terminantemente a discutir o assunto – que Jorge achava relevante para o seu amadurecimento – entretanto entre aqueles círculos dos iniciados na "L" ele fazia às vezes de um bom orador, e era bem-quisto contador de causos. Apesar da atração irresistível pelo álcool e às drogas.

Natália estava sempre ao piano. Tinha certa predileção por este instrumento musical, embora fosse proficiente em vários outros deles, incluindo aqueles de sopro e de corda. Noutros tempos fora uma carreirista de orquestra mundialmente afamada. Era reconhecida pela técnica apurada, embora recebesse retornos negativos dos críticos com relação às limitações

do sentimento que provinham de sua arte. Ao longo dos anos Natália foi aprimorando gradualmente suas habilidades como música experimentalista – elevada a um patamar do conceito inovador-progressista. Era capaz de performances de mais de cinco horas, tocando apenas com os dedos dos pés as obras mais complexas de Wolfgang Amadeus Mozart ou mesmo as de Sergei Vasilievich Rachmaninoff. Atualmente dava preferência ao seu círculo de amigos e apreciadores "L" aos quais ela presenteava com solos longuíssimos – verdadeira virtuose – como os discursos do saudoso Fidel Castro (que deus o tenha).

O trabalho deles era basicamente intelectual e imperava a máxima do livre arbítrio. Todos eram tratados com a merecida dignidade dos afortunados pela "L". Considerados responsáveis por seus atos, escolhiam o número de horas diárias de dedicação aos desenvolvimentos e tinham plena liberdade de se aprofundarem neste ou naquele projeto – o que julgassem mais promissor e relevante, dentro de certo contexto.

O complexo de prédios abrigava pouco mais de duas centenas de colaboradores "L" e aproximadamente uma centena de outros, que era responsável pela manutenção das instalações, garantia das condições mínimas para os trabalhos, a alimentação e a gestão de tudo aquilo que fosse produzido ali. Francisco queixava-se apenas da jornada puxada, visto que todos eles eram mantidos internos, com as visitas apenas dois finais de semana ao longo do mês. Não era coisa pra qualquer um!

Jorge era uma espécie de mentor intelectual dos "L". Aparecia umas três ou quatro vezes por mês, nunca no mesmo dia da semana, porque era sabidamente um homem ocupado. Passava boa parte do tempo em Brasília, resolvendo complexas questões da "L" no âmbito nacional. Mas sempre que estava por aparecer por lá, a notícia logo se espalhava. Os saguões eram limpos e aos companheiros era recomendado botarem as suas melhores roupas. A refeição seria, certamente, a mais farta

da semana. Jorge apreciava passear livremente pelos jardins e acompanhar pessoalmente a evolução dos trabalhos. Vez por outra, chamava algum dos especialistas na "L" para um bate papo mais informal, no seu amplo escritório.

6. Conclusão

"Aqui eu me entendo com as pessoas. Noutro tempo eu era dado às bravatas e às intransigências. Enfim, não me adaptava aquela ordem de coisas."

Via de regra, Francisco sentia-se feliz e realizado no sanatório. Para ele a "L"oucura não passava de outra forma de percepção da realidade. Ele se dava bem com os outros "L"oucos.

Referência:

[1] Xerxes, J., O Fator "L", www.jorgexerxes.wordpress.com, (2009)

Sob as gárgulas de Monte Cristo

Durante toda a noite ouviam-se os rugidos dos grandes felídeos – as panteras – que habitavam aquelas cercanias. Lá fora as brumas, o frio e a chuva incessante. Vez por outra alguns desses animais arranhavam com suas garras às portas do pequeno castelo. Como se requisitassem o direito sobre a posse da fortaleza, bem como do sangue fresco que fluía quente das jugulares de seus resistentes habitantes. Outrora, duas ou mais feras se digladiavam em portentosos embates. Aqueles rugidos, aquela potência animal constrangia Dom Luiz. Fazia-o encolher por debaixo das cobertas. Sentia o frio da alma que insistia em habitar as entranhas de seu corpo aquecido. Olhos semi-cerrados: impossível se entregar ao son(h)o.

Junto à claridade da manhã cessavam os movimentos das panteras. Homens e mulheres tinham de estar aos seus postos. Exercício (ou arte) de manutenção da vida. Os candelabros com velas alumiavam os corredores estreitos que separavam os cômodos da edificação. Lá fora, explosões das tristes gotas de chuva; beijavam a face de imensa terra. A tristeza dela era alegria das plantas. Não havia mais belas flores que aquelas úmidas da manhã nublada dessa época do ano. Jorgeana deixou o seu aposento para banhar-se nas pedras da sauna aquecida pelo fogo à lenha; exalava o aroma das folhas de eucalipto. Seu belo e viçoso torso nu era graça das mais supremas que o bom Deus havia permitido habitar esta esfera. A pele alva e suave contrastava ao rubro de seus lábios – doce o hálito do frescor da manhã.

Foi sacerdotisa Juliana quem preparou o café preto. Desígnio (ou indício) de que um de seus mais nobres discursos estaria por vir. Juliana trazia aos olhos grandes as esmeraldas de profundo conhecimento, talhado a ferro e fogo. Dias e noites de dedicação às escrituras. A observação atenta da cinemática

dos corpos celestes; as correlações desta aos seus experimentos com os elementos dos reinos animal e vegetal. Também a interação deles com a morada do sutil e do singelo; reino que habita as profundezas de sua alma (asas da imaginação); mas isso ela não traduzia às palavras: trazia apenas nos movimentos de seu corpo miúdo e nas expressões do seu semblante – por vezes doce, noutras verdadeira a face da sanha.

Dom Luiz era espécie de DJ das xícaras, dos pratos, das louças em geral, garfos, facas e de todos outros talheres, que ele lavava ao alto e bom som do rock progressivo do início da década de setenta. Ou traduzido em miúdos: Pink Floyd. Seu instrumento era o espumante e perfumado dos talheres e das louças. Espalhava a música aos extremos da limpeza. Àquela hora se formava a fila dos pacientes para receberem os cuidados atentos e os bálsamos curativos de Jorgeana. Mas eles – Juliana, Dom Luiz e Jorgeana – permitiam breve instante para o desjejum e suas excelsas intenções.

Juliana fez às vezes de exímia oradora. Naquela manhã discursou sobre as técnicas de esquiva às artimanhas do satanás. "O tinhoso não habita apenas um corpo como muitos imaginam. Sendo ele fluido (análogo das idéias), na consecução do etéreo pode impregnar as almas daqueles que não se ocupam das tarefas elevadas."

Já pela manhã sabíamos que este seria um dia interessantíssimo e rico de significados.

Porém, após o crepúsculo, outra noite viria...

LLembro das noites bêbadas entre as moléculas de idéias deixadas

OOutras merendas e oferendas em festas de São João

AAs noites lentas que passam através dos arcos e outras crendices de serra

AAs estrelas e os vulcões são coisas de Águas da Prata

SSe duvidar entende Poços de Caldas

T'Toma toda uma Aguaí

OO beijOO

g OO s t o s OO

d EE boa noitEE

EE q u EE n t EE

d OO c EE

OO d EE l EE i t EE

suplicas de amor

OO g OO z OO

enfim

Este livro foi composto em Dante MT Std pela Editora Multifoco e impresso em papel offset 75g/m²